



UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
Faculdade de Direito e Relações Internacionais
Curso de Relações Internacionais - FADIR

Thiago Vinícius Ribeiro

**ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE PAZ ELABORADAS POR DAISAKU
IKEDA PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA CULTURA DE PAZ
PARA O SÉCULO XXI**

Dourados – MS
Abril, 2016

THIAGO VINÍCIUS RIBEIRO

**ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE PAZ ELABORADAS POR DAISAKU
IKEDA PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA CULTURA DE PAZ
PARA O SÉCULO XXI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Universidade Federal da Grande Dourados, como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Prof^a. Msc. Tchella Fernandes Maso.

Dourados – MS
Abril, 2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

R484a Ribeiro, Thiago Vinicius
ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE PAZ ELABORADAS POR
DAISAKU IKEDA PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA CULTURA
DE PAZ PARA O SÉCULO XXI / Thiago Vinicius Ribeiro -- Dourados:
UFGD, 2016.
73f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Tchella Fernandes Maso

TCC (graduação em Relações Internacionais) - Faculdade de Direito
e Relações Internacionais, Universidade Federal da Grande Dourados.
Inclui bibliografia

1. Johan Galtung. 2. Daisaku Ikeda. 3. estudos para a paz. 4.
propostas de paz. 5. Soka Gakkai Internacional. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao décimo quinto dia do mês de abril de 2016, compareceu para defesa pública do Trabalho de Conclusão de Curso, requisito obrigatório para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais, o aluno **THIAGO VINICIUS RIBEIRO**, tendo como título **ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE PAZ ELABORADAS POR DAISAKU IKEDA PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA CULTURA DE PAZ PARA O SÉCULO XXI**.

Constituíram a Banca Examinadora os professores Me. Tchella Fernandes Maso (orientadora), Dr. Mario Teixeira de Sá Junior (examinador) e Dr. Matheus de Carvalho Hernandez (examinador).

Após a apresentação e as observações dos membros da banca avaliadora, o trabalho foi considerado Aprovado.

Por nada mais terem a declarar, assinam a presente Ata.

Observações: _____

Assinaturas:

Tchella F. Maso

Me. Tchella Fernandes Maso
Orientadora

Mario Teixeira de Sá Junior
Dr. Mario Teixeira de Sá Junior
Examinador

Matheus de Carvalho Hernandez
Dr. Matheus de Carvalho Hernandez
Examinador

Dedico este trabalho a minha saudosa avó Henriqueta Ribeiro Peres, a quem oro diariamente pela sua felicidade eterna e que, em vida, me ensinou a lutar por um mundo melhor.

Agradeço profundamente a minha família, aos amigos e professores de faculdade, e a todos que contribuíram de alguma forma no decorrer desta jornada acadêmica por estes quatro anos de aprendizado, companheirismo e disponibilidade.

Declaro aqui que não importa que os Deuses me abandonem. Não importa que eu tenha de enfrentar todas as perseguições. Ainda assim, darei minha vida em prol da Lei.

Nitiren

RESUMO

O presente trabalho analisa os estudos para a paz nas Relações Internacionais e também as propostas de paz elaboradas anualmente pelo filósofo-pacifista Daisaku Ikeda, líder budista e presidente da Soka Gakkai Internacional (SGI), em especial as dos últimos cinco anos, que são enviadas anualmente à Organização das Nações Unidas (ONU) desde o ano de 1983. As análises dos documentos elaborados por Daisaku Ikeda é corroborado com os conceitos de paz positiva e paz negativa de Johan Galtung, sob a ótica das Relações Internacionais e suas vertentes, sendo que o objetivo principal do trabalho é o diálogo destas propostas de Ikeda com as teorias hodiernas dos estudos para a paz, que estão em voga dentre os principais pensadores e analistas internacionais contemporâneos da área. A metodologia utilizada no presente trabalho foi a pesquisa bibliográfica do material disponibilizado pela Associação Brasil Soka Gakkai (BSGI), tanto no sítio da organização na internet, quanto em seus periódicos, o Jornal semanal Brasil *Seikyo* e a revista mensal Terceira Civilização e respectivos encartes especiais, além de livros e publicações de autoria do próprio Daisaku Ikeda. Ao final da pesquisa é demonstrado ao leitor que as ideias de uma cultura para a paz propagadas e defendidas por Ikeda são muito similares as de Galtung, e que merecem uma especial atenção dos estudos das Relações Internacionais sobre a paz.

Palavras chaves: Johan Galtung, Daisaku Ikeda, estudos para a paz, propostas de paz, Soka Gakkai Internacional.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. OS ESTUDOS PARA A PAZ NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS	13
1.1. O campo das Relações Internacionais e suas vertentes no pós-Guerra Fria	13
1.2. As principais análises dos atuais estudos para a Paz nas Relações Internacionais	16
1.3. O conceito de paz nas Relações Internacionais: da paz kantiana à paz positiva de Galtung	22
1.4. O diálogo “ <i>Choose Peace</i> ” entre Johan Galtung e Daisaku Ikeda sobre o desenvolvimento de uma cultura e educação para a Paz	25
2. OS IDEAIS DE DAISAKU IKEDA E A SOKA GAKKAI INTERNACIONAL	30
2.1. Breve biografia de Daisaku Ikeda, Presidente da Soka Gakkai Internacional (SGI), e homenagens e reconhecimentos recebidos	30
2.2. História da Soka Gakkai Internacional como Organização Não Governamental filiada a ONU	33
2.3. A Soka Gakkai Internacional no Brasil (BSGI)	38
2.4. Daisaku Ikeda e suas quatro visitas ao Brasil	38
3. ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE PAZ ELABORADAS POR DAISAKU IKEDA: Entre os anos de 2010 a 2015	40
3.1. Proposta de Paz do ano de 2010: Novos Valores para um Nova Era	40
3.2. Proposta de Paz do ano de 2011: Por um mundo digno de todos: o triunfo da vida criadora.....	46
3.3. Proposta de Paz do ano de 2012: Segurança Humana e Sustentabilidade: compartilhar o respeito pela dignidade da vida.	51
3.4. Proposta de Paz do ano de 2013: Compaixão, sabedoria e coragem: para a humanidade viver em paz.	56
3.5. Proposta de Paz do ano de 2014: Criação de Valores Humanos: a construção de um mundo solidário.	60
3.6. Proposta de Paz do ano de 2015: Compromisso de todos com um mundo mais humano: acabar com a miséria da Terra	65

3.7. As propostas de Paz de Daisaku Ikeda como fonte de análise para o desenvolvimento de uma cultura pacífica e humanista no campo das Relações Internacionais	69
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS	73

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa apresentar os estudos para a paz no âmbito das Relações Internacionais, em destaque especial as ideias de Johan Galtung e seus conceitos de paz positiva e paz negativa. Este é atualmente o principal teórico a discorrer sobre a paz. Concomitantemente, espera-se analisar as propostas de paz elaboradas pelo líder budista, filósofo e pacifista Daisaku Ikeda, Presidente da Soka Gakkai Internacional (SGI), e os pontos convergentes das ideias de paz deste último com as de Galtung.

A questão a ser levantada será: como as propostas de paz de Daisaku Ikeda dialogam com as ideias de Johan Galtung no campo dos estudos para a paz nas Relações Internacionais?

As propostas de paz elaboradas por Daisaku Ikeda são enviadas anualmente às Nações Unidas, todo o dia 26 de janeiro de cada ano, desde o ano de 1983, data alusiva à fundação da Soka Gakkai Internacional (SGI). Esta tem o intuito de levar à principal organização internacional e aos seus líderes mundiais, representados na ONU, sua visão humanista e sua perspectiva de defesa de um amplo movimento popular, ou seja, o empoderamento dos povos, como a chave para a transformação do mundo, que culminará em uma coexistência pacífica entre as nações.

Além das propostas de paz elaboradas por Daisaku Ikeda, será apresentado um diálogo entre Galtung e Ikeda, que se transformou no livro *“Choose Peace: A Dialogue Between Johan Galtung and Daisaku Ikeda”* (Pluto Press, 1995), no qual ambos os pensadores concordam em diversos pontos sobre o desenvolvimento de uma cultura para paz, desde a educação de jovens até a postura dos líderes mundiais, passando inclusive pelo viés do desenvolvimento econômico e social, e do senso de justiça a ser criado na humanidade.

Assim, percebe-se na leitura do diálogo que tanto Ikeda quanto Galtung concordam que a natureza humana é boa e que o instinto de humanidade e empatia é algo intrínseco às pessoas, somado ao empoderamento destas, ao perceberem o potencial de transformação que são capazes de promover visando a coexistência pacífica e o bem estar social de todos. Porém, no decorrer da existência humana, esta natureza boa, de coexistência pacífica, foi sendo esquecida, diante do

surgimento dos conflitos de interesses entre tribos, povos e modernamente entre Estados.

Ao trazer no trabalho as propostas de paz elaboradas por Daisaku Ikeda é possível constatar que suas ideias e proposições são condizentes com os estudos para a paz nas Relações Internacionais. Seus pensamentos estão lado a lado com os conceitos, ideias e propostas de Johan Galtung, tanto é que as reflexões e diálogos entre os dois tornaram-se um livro.

A pesquisa do presente trabalho se desenvolveu através de pesquisas bibliográficas, leituras de periódicos e publicações em sítios da internet, em especial as das publicações internas da Soka Gakkai Internacional do Brasil (BSGI) e nos livros de autoria de Daisaku Ikeda.

1. OS ESTUDOS PARA A PAZ NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS CONTEMPORÂNEAS

Neste primeiro capítulo são tratados, de forma breve, os estudos para a paz nas Relações Internacionais, em especial no pós-Guerra Fria, com as principais análises contemporâneas dos estudos para a paz, e os conceitos de paz, desde Kant, até a paz positiva e a paz negativa, estas desenvolvidas por Johan Galtung, nos anos de 1960, e posteriormente a trilogia das violências conceituadas por ele já nos anos de 1990. No final do presente capítulo será apresentado o diálogo entre Daisaku Ikeda e Johan Galtung, e suas reflexões sobre a cultura para paz, que foram transformados no livro *“Choose Peace: A Dialogue Between Johan Galtung and Daisaku Ikeda”* (Pluto Press, 1995).

1.1. O campo das Relações Internacionais e suas vertentes no pós-Guerra Fria.

No Século XXI é perceptível que o mundo contemporâneo se mantém aliado as diversas redes de poder, no qual a política, a sociedade, e o multiculturalismo se entrelaçam globalmente. Neste aspecto a relevância dos estudos das relações internacionais ganham cada vez mais notoriedade e, assim, desenvolvem-se de forma contínua. Conforme ensina Saraiva:

(...) o estudo das relações internacionais deixou de ser mera observação do movimento da diplomacia e dos processos do poder político (...). Novos problemas animaram a redefinição do objeto de estudo e moveram as relações internacionais para um campo bastante mais abrangente e rico que o da mera ciência política ou da economia política. (2008, p. 2)

Com isto o campo de estudos das relações internacionais se expandiu e conseqüentemente suas vertentes de estudo¹.

Assim, conforme ensina Antonio Jorge Ramalho da Rocha:

¹ “A vigorosa construção do grupo britânico de teóricos e historiadores mostra a relevância da dimensão cultural nas relações internacionais. Também demonstra como é possível trabalhar juntos, sem os preconceitos arraigados de departamentalização dos conhecimentos. Os últimos livros da escola francesa das relações internacionais mostram a preocupação de circunscrever os desafios da explicação do presente às conquistas e à tradição de cientificidade que remonta a Renouvin e que chega a Girault, Milza e Frank. A contribuição do sul do continente (sul-americano) chama a atenção para a dimensão da inserção internacional das regiões marginais (...)”. (Saraiva, 2008, p. 4).

[as] Relações Internacionais constitui um campo de estudos em que prevalece uma pluralidade de teorias (...). O [campo] das Relações Internacionais refere-se a um determinado conjunto de agentes, instituições e processos específicos. (Rocha, 2002, p. 28).

As transformações do sistema internacional do final dos anos 1980 e no decorrer dos anos de 1990 causaram rupturas teóricas e desorientam as explicações sobre a estrutura de poder, a segurança, e a diplomacia. Com o desmantelamento da União Soviética e a suposta vitória do capitalismo liberal dos EUA criaram-se crises dos paradigmas tradicionais das Relações Internacionais, o que gerou a necessidade de redefinição dos mesmos e de outros conceitos sobre a nova ordem mundial que emergia com o fim da Guerra Fria.

Entretanto, o campo de estudo das relações internacionais e suas vertentes, pelo que se vê atualmente, corroborando com Saraiva (2008), está dominado pelas questões da globalização econômico-financeira e pela conexão liberalizante dos mercados, principalmente no pós-Guerra Fria e o reducionismo gerado pela derrocada do “inimigo”, e quebra do que se entendia por ordem mundial.

Os conceitos e paradigmas se romperam. Os analistas perderam suas referências com o fim do mundo bipolarizado, na qual havia sempre um inimigo a ser vencido, o equilíbrio de poder estava visível e concreto, de um lado os EUA e de outro a URSS. Como diz Saraiva: *“as vertentes do realismo ficaram petrificadas”*³. E continua o autor: *Na mesma situação ficaram os teóricos idealistas, os do sistema mundo, os construtivistas e outros que surgiram em decorrência da dualidade que existia até o início dos anos 1990* (SARAIVA, 2008, p. 7).

² ROCHA, Antonio Jorge Ramalho. *Relações Internacionais: teorias e agendas*. CEBRE Tese. Debate. Rio de Janeiro, p. 1 a 40.

³ “Do realismo estrutural, que exagerou o sentido das guerras pelo poder (de base clássica advinda de Tucídides e de matriz moderna recriada em H. Mongenthau), passando pelo realismo prático e histórico de Maquiavel e Edward Carr (no qual os princípios se subordinam às políticas) e pelo novo realismo estrutural de Rousseau e K. Waltz (em que o peso analítico recaís sobre o caráter anárquico do sistema internacional e não sobre a natureza humana belicosa), ao realismo liberal de Hedley Bull (de inspiração hobbesiana), que enfatiza a capacidade de certos Estados de conter agressões e conformar uma ordem internacional mais equilibrada, todas essas vertentes do realismo ficaram petrificadas diante das modificações globais em curso. Da mesma maneira, comportaram-se várias vertentes liberais de teoria internacionalista (...). O mesmo destino parece ser compartilhado pela tradição dos teóricos do sistema mundial (...). Não muito longe de crises intelectuais estão os construtivistas sociais, os teóricos da moda nas relações internacionais, ao pretenderem estabelecer a ponte adequada entre as tradições racionalistas do realismo e do liberalismo, e os que se enfileiram no pós-modernismo (...), também ainda não conseguiram ocupar o espaço hegemônico dos esforços teóricos nas relações internacionais em tempos de profunda crise paradigmática”. (Saraiva, 2008, p. 7 e 8).

Tais quebras de paradigmas também influíram no campo de estudos para a paz nas Relações Internacionais.

Os estudos para a paz estão localizados no bloco das correntes teóricas de ruptura pós-positivistas no campo das Relações Internacionais, agregando com o viés feministas, coma teoria crítica, com o desconstrucionismo e com as demais formulações normativas, e ainda, a ânsia de romper com a tradição realista sobre o conceito de paz.

A investigação estava, assim, limitada no seu conceito de paz – apresentado, na sua formulação negativa, como ausência de guerra e de violência – e, consequentemente, na sua agenda – vincadamente minimalista, procurando apenas reduzir a incidência e extensão dos conflitos (...). Ao caracterizar os Estudos para a Paz, Galtung rompe drasticamente com a distinção positivista entre teoria e prática (...).

Nesse sentido, os estudos de Galtung buscam inserir nas Relações Internacionais o entendimento de que a paz no seu sentido mais amplo, não seria apenas uma ausência de guerra, simples e por si só, tendo em vista que esta paz negativa, pode vir a encobrir injustiças mais profundas, que apenas conterão os eventuais conflitos violentos.

Assim, como será demonstrado nas próximas seções do trabalho, o campo de estudos para a paz começa a se desenvolver concomitantemente com o final da Segunda Grande Guerra, na simplicidade de que paz é a mera ausência de guerra. Porém, em 1969 o norueguês Johan Galtung aperfeiçoa o conceito de paz no seu Instituto Internacional de Pesquisas para a Paz (*Peace Research Institute of Oslo* – PRIO, sigla em inglês). Galtung apresenta às Relações Internacionais os conceitos de “paz positiva” e “paz negativa”. Porém, em 1990, Galtung aperfeiçoa mais uma vez suas análises sobre a paz, quase que de imediato ao fim da Guerra Fria, e, desta vez, o pesquisador conceitua a trilogia (ou triângulo) das violências. Somente com a quebra total deste triângulo/trilogia é que se alcança a paz positiva.

Por fim, o campo de estudo das Relações Internacionais tem atualmente por finalidade a elaboração de novos quadros conceituais em decorrência do fim do mundo bipolar, e assim devem ser suas vertentes, considerando que o

⁴ Cravo, Teresa; e Pureza, José Manuel. *Margem Crítica e legitimação nos estudos para a paz*. In Revista de Ciencias Sociais, nº 71, 2005, p. 7.

conhecimento de poder, diplomacia, política, segurança internacional, e outros correlatos com o atual sistema internacional, ainda está em transição e construção.

1.2. As principais análises dos atuais estudos para a Paz nas Relações Internacionais

Os estudos e as pesquisas voltadas para a paz começaram a se desenvolver logo após o final da Segunda Guerra Mundial, em meados dos anos 1940, com o estabelecimento de um programa de Estudos para a Paz na universidade de Manchester, em Indiana nos Estados Unidos da América (EUA).⁵

Neste período os países aliados (EUA, Reino Unido, França, URSS) começaram a promover os diálogos sobre a situação política e econômica mundial, e o meio de se manter a paz entre as nações. Entre os anos de 1943 e 1945, diversas reuniões internacionais foram realizadas com o propósito de selar diferentes acordos diplomáticos, entre as quais a Conferência de Teerã (1943), a Conferência de Yalta (1945), a Conferência de Postdam (1945).⁶

A partir de então, no decorrer dos anos 1950, diversos grupos de estudos voltados para a análise sobre a paz foram criados, tanto em universidades, quanto em escolas secundárias e organizações não governamentais (ONG's). Estes agentes se encarregaram de proliferar um novo pensamento sobre a paz, suas causas e consequências. Além de desenvolver uma perspectiva de justiça e de solução pacífica e de não violência dos conflitos existentes até então.

A paz positiva, idealizada por Galtung, em breve síntese, decorre da ajuda mútua, da educação e da interdependência dos povos. A paz positiva, conceituada por ele, vem a ser não somente uma forma de prevenção contra a guerra, mas a construção de uma sociedade melhor, na qual mais pessoas comungam do espaço social. E na outra ponta conceitual, no inverso da paz positiva está a paz negativa, ou seja, a mera ausência da guerra, o que não elimina a predisposição para ela ou a violência estrutural da sociedade. Estas definições

⁵ Ferrero, Eduardo Andras Sandoval. *Estudios para la Paz, la Interculturalidad y la Democracia*. In: Ra-Ximbai, volumen 8, número 2, janeiro/abril 2002, p. 23.

⁶ As Conferências realizadas em Teerã, Yalta e Postdam reuniram os principais Estados vencedores da 2ª Guerra Mundial, entre os quais a URSS, os EUA, o Reino Unido e a França, que ao final decidiram como seria dividida administrativamente a Alemanha, as indenizações a serem pagas e a devolução de territórios ocupados pelos nazistas.

conceituais de paz positiva e de paz negativa foram elaboradas por Galtung durante a década de 1960.

O ápice do desenvolvimento do campo de estudos e de pesquisa para a paz dentro das Relações Internacionais se deu com a necessidade de expandir os estudos, através do Instituto Internacional de Pesquisas para a Paz (*Peace Research Institute of Oslo* – PRIO, sigla em inglês). Este foi criado em Oslo, na Noruega, em 1959 por Johan Galtung.

A partir da década de 1960 o Instituto Internacional de Pesquisas para a Paz de Oslo (PRIO) amplia sua atuação, e passa a ser denominado de Associação Internacional de Pesquisa para a Paz (*International Peace Research Association* – IPRA), e em seguida é publicado a revista *Journal of Peace Research*, em 1964.

Dentre as contribuições do pesquisador norueguês, Johan Galtung, cita-se as definições de paz positiva e de violência estrutural.

Eduardo Forero, ao falar sobre tais definições, resume que:

Para Galtung la ausencia de violencia directa, estructural, cultural y/o simbólica es lo que supone la realización de la superveniencia, el bienestar, la identidad y la libertad, es decir, la satisfacción de las necesidades básicas humanas (FORERO, 2002, p. 24).

Nesse sentido, para que haja a paz positiva proposta não basta o simples encerramento da guerra, ou do estado beligerante, o que seria definido como paz negativa, pois a natureza estrutural da violência não foi encerrada com o fim do conflito.

A paz positiva de Galtung surge como uma alternativa à violência estrutural, sendo que esta última decorre dos conflitos gerados pelo desrespeito às necessidades básicas do ser humano.

Logo, a violência estrutural não rompe as mazelas sociais e de infraestrutura, causadas durante o conflito e com o encerramento deste, e conseqüentemente não há uma paz positiva de fato, no qual o bem-estar, a identidade, a liberdade e a satisfação da sociedade são essenciais para a estabilidade e apaziguamento dos conflitos.

As ideias e novos conceitos sobre os estudos para paz entabulados por Galtung e demais pesquisadores aperfeiçoou com a trilogia das violências (violência direta, violência estrutural e a violência cultural) e ganharam maior visibilidade. Suas

perspectivas de paz positiva começaram a ser debatidas, no pós- Guerra Fria, entre os diversos teóricos, enfatizando que a paz não é a simples ausência de guerra e conflitos bélicos.

A trilogia das violências, idealizada por Galtung, seria como um triângulo de três vértices⁷. Numa ponta está a *violência direta*, que é a violência que gerou os atos hostis, a violência física e suas atitudes armadas. No segundo vértice desta trilogia está a *violência estrutural*, como já tratado anteriormente é a violência que atinge o bem estar social e as necessidades básicas da população, é a ausência de identidade e liberdade. E por último, o terceiro vértice conceituado por Galtung, é o da *violência cultural*, que para ele é a pior das violências, tanto por ser uma violência invisível que atinge grande parte de um corpo social e se torna de difícil identificação e ruptura, quanto por fazer parte da origem dos costumes.

Com a quebra dos três vértices, se atingiria a paz positiva que é caracterizada nesse momento pela total ausência de violência estrutural e posteriormente pela quebra do triângulo da violência.

A paz para Galtung está intimamente ligada ao conceito de justiça social, direitos humanos e equidade dos povos, ele considera que os estudos para a paz são as condições pacíficas para reduzir a violência que tem os seres humanos em sociedade como o seu objeto central. Neste sentido, os estudos sobre a paz constituem uma ciência social aplicada, clara e explicitamente orientada por valores.⁸

Johan Galtung também contribuiu de forma fundamental ao definir paz como mais do que ausência de guerra (violência direta), interpretando a paz num sentido positivo ao incluir violências estruturais e culturais (...). A violência direta refere-se a violência física e psicológica exercida diretamente sobre uma pessoa. Quanto a violência estrutural, é uma forma de violência indireta que resulta da própria estrutura social – entre humanos, entre grupos humanos (sociedades), entre grupos de sociedade (alianças, regiões) no mundo. (FREIRE e LOPES, 2008, p. 15).⁹

As discussões e análises para a paz continuaram a ser debatidas durante a Guerra Fria, sempre na dicotomia entre “paz positiva” e a “paz negativa”, porém

⁷ Concha, Percy Calderón. *Teoría de Conflictos de Johan Galtung*. in Revista Paz y Conflictos, nº 2, 2009, p. 60 a 81.

⁸ Guzman, Vicent Martinez. *Filosofia e investigação para a paz*. In Revista crítica de Ciências Sociais, nº 71, junho de 2005, p. 52.

⁹ Freire, Maria Raquel; e Lopes, Paula Duarte. *Reconceitualizar a paz e a violência: uma análise crítica*. In Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 80, 2008, p. 15.

com o florescimento dos movimentos críticos e sociais, a partir dos anos de 1980, e o fortalecimento das teorias críticas sobre as crises econômicas que sobrepujavam as camadas sociais e os países periféricos, os conflitos oriundos da conjuntura socioeconômica, fortaleceram o pensamento de Galtung, que a violência estrutural deveria ser contida, em prol de uma justiça social e harmônica, como deve ser na paz positiva.

Entretanto, com as transformações ocorridas nos anos 1990 do Séc. XX, os estudos para a paz adotaram uma perspectiva mais holística, ao qual a paz decorre da ausência de violência física e psicológica, visando a satisfação das necessidades básicas humanas e ainda, uma estrutura política e de poder que garanta a proteção dos direitos humanos universais.

Os estudos para a paz começaram a se preocupar com questões de marginalização, de exclusão, da depredação do meio ambiente, segurança alimentar, e as questões de submissão e dominação de povos e Estados.

Nesse momento, no ano de 1992, a Organização das Nações Unidas (ONU) elabora uma “Agenda para a Paz”, que buscava deter a expansão de conflitos localizados. Essa agenda foi um relatório elaborado pelo então Secretário Geral das Nações Unidas, Boutros Boutros-Ghali, apresentado na ocasião da Assembleia Geral das Nações Unidas, em junho de 1992. Neste documento se identificava riscos à estabilidade global que não estavam mais restritos ao plano internacional – como o racismo ou a degradação ambiental.¹⁰

Já com o fim da Guerra Fria e no início do Século XXI, com o fortalecimento de conflitos inter-estatais, os estudos para a paz tiveram a oportunidade de demonstrar sua contribuição para a resolução desses conflitos civis, por vezes longos e violentos, que desafiavam a nova ordem mundial.

Com o estabelecimento de uma agenda voltada para a paz, elaborada pela ONU, que previa uma diplomacia preventiva, e visava à manutenção, o reestabelecimento e a consolidação efetiva da paz, os Estudos para a Paz de Galtung ganharam maior visibilidade, pois mesmo que suas ideias não foram diretamente mencionadas na agenda de paz da ONU, eram perceptíveis seus objetivos de paz positiva, de paz negativa e do fim da violência estrutural.

¹⁰ BOUTROS-GHALI, Boutros. ONU: Uma Agenda para o Desenvolvimento. São Paulo: IEA, 1996. Disponível em <http://www.iea.usp.br/iea/artigos/boutros-ghalionu.pdf>.

Diante do novo século, novos temas e perspectivas entraram em debate, e os estudos para a paz tiveram que reconceitualizar sua razão de ser, ao abarcar temas como globalização, direitos humanos, cooperação, militarização, migração, refugiados, narcotráfico, conflitos étnico-cultural, violência cibernética, desigualdades econômicas, racismo, violência contra o meio ambiente, agressões climáticas, desenvolvimento sustentável, empoderamento, entre outros.

Com tal amplitude de temas e debates, os Estudos para a paz se disseminaram, e em certos aspectos perderam seu foco principal de quando surgiram. Com isto enfraquece o debate entre “paz positiva” e “paz negativa”, pois a diluição das discussões, que por um lado enriquece os debates, também desnorteiam o foco de análise, tendo em vista a ampla agenda, que incluiu questões de desenvolvimento, segurança e estudos feministas.¹¹

Os críticos afirmam que os estudos para a paz perderam seu foco a partir do momento que foram cooptados pelos Estados dominantes do sistema internacional, no pós-Guerra Fria, e que foram fortemente influenciados pelo neoliberalismo e sua democracia neoliberal, como destacam os autores:

Enquanto instituição, os estudos para a paz parecem ter perdido actualmente um pouso de sua atracção retórica (...). O fim da Guerra Fria, a sua associação com o neoliberalismo veiculado pelos modelos de reconstrução pós-bélica impostos ao longo da década de 90 ou a quebra na formulação conceptual original, quando comparada com a década de 70, podem ter motivado este declínio da disciplina. Nascido como forma de conhecimento crítico – comprometidos com a materialização de um projecto normativo e emancipador-, os Estudos para a Paz revelaram-se afinal facilmente cooptáveis para integrarem o bloco discursivo hegemónico.¹²

Outro fator que colocou os estudos para a paz em cheque foram os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 ocorridos nos EUA, e consequentemente a “guerra ao terror” que se iniciou desde então.

Diante de tal estreitamento da agenda internacional, no qual o inimigo a ser combatido não tem fronteiras, o terrorismo, os estudos para a paz não conseguiram evitar e nem reverter os conflitos, e no momento, nesse sentido Teresa Cravo e José Manuel Pureza (2005, p. 17) dizem que:

¹¹ Nascimento, Daniela. *As estratégias de respostas a conflitos violentos e de (re)construção da paz: Uma análise crítica*. In Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 105, dezembro 2014, p. 14.

¹² Cravo, Teresa; e Pureza, José Manuel. *Margem Crítica e legitimação nos estudos para a paz*. In Revista de Ciências Sociais, nº 71, 2005, p. 14.

(...) trata-se hoje de um realismo travestido de missionação democrática, que se apropria do discurso normativo que lhe era tradicionalmente alheio e invoca o comprometimento com determinados valores para legitimar a guerra.¹³

A dicotomia entre paz e guerra/violência baseia no pressuposto de que a violência, tal como a paz, é uma escolha, e para os estudos para a paz (a violência) é o problema.

Como dito alhures, a paz positiva é a ambição de Galtung, mas visto a mutabilidade dos conflitos, suas diferentes causas e consequências, não é possível definir a paz positiva, e apenas apontar as formas em como alcançá-la, é necessário que haja o rompimento dos outros vértices (trilogia da violência), visto que a violência invisível se mantém e a violência cultural continua legitimando as outras violências. Porém, aos atuais pesquisadores dos estudos para a paz, a promoção da paz é mais complexa, articulada com os valores e tradições de cada sociedade, consolidando-se preventivamente, na base do diálogo e do entendimento dos povos.

Assim, a paz deve ser uma somatória de fatores, um conjunto de valores, uma paz direta, ou seja, a pacificação e resolução de conflitos por meios não violentos, somados a uma paz estrutural, no qual os Estados e instituições garantem o bem estar social, a democracia, o desenvolvimento, e a paz cultural, na qual a pluralidade dos povos seria respeitada, assim como os direitos humanos fundamentais.

Como já dito, a paz positiva deve ser o foco e o auge dos Estados, com cooperação, ajuda mútua, educação e interdependência dos povos, na construção de uma sociedade melhor. E essa paz negativa, na qual podemos incluir essa visão de “paz liberal e democrática”, nada mais é do que a velha visão de ausência de guerra e de violência estrutural da sociedade.

A violência estrutural denominada por Galtung está intimamente ligada ao conceito de paz negativa desenvolvido por ele em seus estudos para a paz. Para o autor, a “paz negativa” não é a simples ausência de guerra, mas também é aquele modelo de paz que não elimina a predisposição para a guerra ou a violência estrutural da sociedade vitimada pela guerra, essa violência esta ligada ao *modus vivendi* do povo carente de educação e desenvolvimento social.

¹³ Cravo, Teresa; e Pureza, José Manuel, *op.cit.*, p. 17.

Para Galtung os estudos para a paz implicam no abandono definitivo da ideia de guerras e rivalidades, e do fim da violência estrutural, para que haja a ideia de cooperação entre povos e nações, e uma solução global interdependente.

Por fim, a paz deve ser conhecida como um valor público e de todos, e não apenas um modo de se viver, deve-se criar em cada indivíduo um senso de justiça para que a coexistência mútua e pacífica entre os povos seja racional e respeitada.

1.3. O conceito de paz nas Relações Internacionais: da paz kantiana à paz positiva de Galtung.

O conceito de paz tem evoluído nos estudos recentes das Relações Internacionais, tanto é que paz já não pode ser a mera ausência de guerra ou a condição resultante do equilíbrio de poder. O conceito de paz hoje passa também pela cooperação entre os povos e visa o fim da violência estrutural e da guerra como finalidade única entre Estados hostis. Entretanto, a palavra paz ainda é utilizada como oposto de guerra, ou seja, a ausência desta medida extrema.

Porém, vale lembrar que o conceito de paz sempre está em disputa nas Relações Internacionais entre suas escolas clássicas: realistas *versus* idealistas. No realismo as relações internacionais se definem por relações entre Estados, e são eles os protagonistas e únicos tomadores de decisão. Estes Estados distinguem a forma de agir e atuar, tanto internamente (assuntos nacionais), quanto externamente (assuntos internacionais), e com isto, o poder do Estado nacional é medido pela sua potencialidade bélica, conseqüentemente, os temas vinculados à paz e de segurança estão intimamente ligados a um equilíbrio de poder entre os Estados.

Já na escola idealista das Relações Internacionais, a cooperação, a negociação e a interdependência entre os Estados se tornam palavras de ordem nessa relação entre nações. O Estado nacional deixa de ser o único e principal protagonista e surgem novos atores e temas. Assim, a paz se torna um conceito mais presente nos temas tendo em vista a necessidade de cooperação, e o equilíbrio de poder e o uso da força deixam espaço para as negociações diplomáticas e as interações entre atores múltiplos.

Ocorre que em nenhuma das escolas clássicas das Relações Internacionais, realismo e idealismo, se dá o afastamento do conceito de paz da

simples ausência de guerra, pois em ambas a guerra pode continuar latente, como sendo o ultimo recurso da política e da diplomacia entre os Estados. No realismo a paz é a ausência de guerra, mesmo por um armistício ou tratado, que pode vir a ser rompido, enquanto que no idealismo, a paz é a ausência de guerra por uma cooperação mútua, que pode ser desfeita por um dos atores que se sentirem lesados.

É dentro desta contextualização acadêmica no qual o conceito de paz ainda não está completamente definido é que podemos trazer a baila as ideias de pensadores como Kant e Galtung. Isto porque o conceito de paz varia conforme o interesse dos atores e teóricos envolvidos, ou seja, não está completamente definido, e desde o fim da Guerra Fria sofreu mudanças em seus conceitos e definições.

Primeiramente com Immanuel Kant é possível perceber a primeira e grande redefinição do conceito e de ideia de paz, pois este filósofo, ainda no Século XVIII se recusava a aceitar o conceito de paz que vigorava em sua época, em que a paz era vista apenas como mais uma peça no jogo de poder entre Estados, ou seja, a ausência de guerra. No tempo de Kant a religião era o cerne do pensamento filosófico e o conceito de paz era de viés divino e sobre-humano, em anos que os horrores da guerra eram vivenciados continuamente.

Neste contexto, em 1795 Kant publicou sua obra filosófica “*A paz perpétua*”, no qual desenvolveu um conceito racional para a paz, afastando o pensamento religioso, adequando aos tempos do iluminismo. Kant busca conferir a paz um fundamento jurídico e de direito, em forma de tratado internacional e de Estados confederados. Para ele o direito constituiria um conjunto de normas capazes de tornar possível a coexistência pacífica. A paz em si poderia ser alcançada por uma confederação de Estados livres, republicanos e democráticos, na qual o poder de decidir sobre guerra ou paz não coubesse ao governante (monarca), mas ao povo livre e consciente.

Para Kant, ao escrever em 1795, a origem das guerras estava principalmente nas formas de governo imperfeitas, ou seja, governos despóticos- o que era comum no seu tempo. Kant demonstra que a paz deve ser perpétua, e não um mero armistício, ou seja, um adiamento das hostilidades. A paz perpétua era o fim definitivo de todas as hostilidades, um pacto de paz. A paz kantiana, como hoje é definida, é a paz perpétua, universal e duradoura, que respeita as instituições e os

tratados, e não deve ser vista apenas como um objetivo último dos povos, mas sim a finalidade primordial de toda a doutrina do direito baseado na relação racional das pessoas.

A paz kantiana, ou paz perpétua, é algo que vai além do armistício, a paz tem que estar acima do poder e dos interesses do Estado, a paz deve ser assegurada por estruturas jurídicas institucionais, e deve ser alcançada através do esforço racional de governantes e sociedade, num contínuo aperfeiçoamento das instituições que seriam as garantidoras e mantedoras da paz.

Retomando os tempos atuais, vários pensadores se basearam em Kant e sua paz perpétua para conceituar paz e defini-la como o fim ideal para Estados e povos, aqui se pode citar Bobbio, que afirma que a paz surge quando a guerra esgota todas as suas possibilidades e ao mesmo tempo mostra a sua impotência, e ainda, a guerra não é o estado habitual das relações humanas e que é possível estabelecer a paz como uma situação habitual entre os povos (Oliveira, 2007, p. 2). Outro pensador que se fundamentou em Kant foi Habermas que analisa que as guerras tem raízes sociais, e a paz decorre do fim dessas mazelas e não só dos atos hostis (Oliveira, 2007, p. 9).

Galtung inicia seus trabalhos sobre a paz, influenciado pela escola kantiana, e conceitua a paz positiva, a paz negativa e a educação para a paz. No caminho para a verdadeira paz, Galtung também propõe a necessidade de um educação para a paz, pois para ele, a violência é estrutural e deriva dos conflitos resultantes das disparidades e tensões socioeconômicas, tanto é que Galtung percebe que a violência não é inerente ao ser humano, mas é produto do meio em que vive (Oliveira, 2007, p. 13).

Por fim, a visão kantiana de paz nas Relações Internacionais significa, atualmente, a criação de uma estrutura supranacional e cosmopolita, uma Confederação, e o fortalecimento do direito internacional como mecanismo capaz de solucionar as controvérsias de forma pacífica.

1.4. O diálogo “Choose Peace” entre Johan Galtung e Daisaku Ikeda sobre o desenvolvimento de uma cultura e educação para a Paz.

Johan Galtung e Daisaku Ikeda durante a década de 1990 se encontraram diversas vezes, e destes encontros, ora na Universidade Soka do Japão, ora no Instituto Boston nos EUA, instituições ligadas a SGI, dialogaram sobre o desenvolvimento de uma cultura para a paz, diálogos que posteriormente foram compilados em livro com o título de “*Choose Peace: A Dialogue Between Johan Galtung and Daisaku Ikeda*”, publicado em setembro de 1995, com edições em inglês e japonês.

O livro publicado na edição em inglês, em resumo, traz em seu ementário que:

Johan Galtung and Daisaku Ikeda are two major figures in international peace studies. Ikeda is a leading Buddhist, author and educator and is deeply rooted in the Mahayana Buddhism of Nichiren. Galtung is the founder of the Institute for Peace Research in Oslo and has developed a more general Buddhist orientation. Together, through dialogue, they search for ways of interfacing Buddhism and peace. Presented as a dialogue between the two men, *Choose Peace* explores practical solutions to many of the global problems afflicting the world today. Galtung and Ikeda identify sources of violence and unrest and consider the role of Buddhism in formulating peaceful solutions to violence. The implications of political forces such as nationalism and socialism are considered and the role of human rights, grassroots power and the United Nations in peacekeeping initiatives are explored.¹⁴

O livro apesar de ter sido editado em 1995 ainda se mantém atual em vários aspectos, tanto no trato sobre a paz, quanto no modelo econômico, que não consegue reduzir as desigualdades, quanto no posicionamento dos líderes globais, diante dos conflitos regionais que desestabilizam a paz.

Como citado acima, e em tradução livre, apresentado como um diálogo entre os dois, o livro discute soluções práticas para muitos dos problemas globais que afetam o mundo de hoje. Galtung e Ikeda identificam as fontes de violência e revoltas, visando formular soluções pacíficas para os conflitos.

¹⁴ IKEDA, Daisaku; GALTUNG, Johan. *Choose Peace: A Dialogue Between Johan Galtung and Daisaku Ikeda*. Tokyo: Pluto Press, 1995.

Nessa obra os dois pacifistas ressaltam a importância de se criar uma conscientização da cidadania global, na defesa dos direitos humanos, da paz e da coexistência pacífica entre os povos¹⁵.

Destacam também que a paz “*não se constrói sobre o infortúnio dos outros*”¹⁶, ou seja, como Galtung nos apresenta em sua trilogia da violência, a paz positiva, livre das violências direta, estrutural e cultura, deve ser um princípio universal. Ambos preocupam-se com a economia globalizada, considerando que um povo não pode enriquecer em detrimento de outros povos, isto é, a violência estrutural. Em relação aos governos e seus líderes, ambos concordam que é um erro tomar o poder pela força e exercer uma autoridade ditatorial (violência direta), ou que um povo imponha seu modelo de Estado e cultura sobre outros (violência cultural).

Tanto Ikeda quanto Galtung afirmam e concordam que o papel dos líderes mundiais é importante, e que no mundo globalizado os fatores de paz e coexistência são determinados pelo comportamento destes líderes. Neste aspecto, eles entendem que é necessário o surgimento de líderes que trabalhem pela paz, desde a educação escolar, para que estas pessoas se tornem futuros líderes com empatia, e que sejam capazes de compreender e sentir o sofrimento dos outros como se fossem seus.¹⁷

Os dois concordam que a educação das crianças e dos jovens, focando na vida e na diversidade humana, fará reacender uma empatia natural, que foi esquecida pela humanidade. Em suas reflexões os autores relatam a necessidade de reviver o espírito humanista e pacificador, desde as crianças e jovens, através da escola e um programa de educação para a paz, e que as novas gerações percebam que uma sociedade pacífica é a base para um mundo de paz, de cooperação e de coexistência.

Para Galtung, é necessário que as pessoas transformem a raiva e a indignação contra injustiças em algo que desenvolva a paz e o respeito entre as pessoas. A grande pergunta para Galtung é: “*O que é paz?*”. E foi com este questionamento que ele começou seus estudos sobre a paz, tentando desvendar as

¹⁵ Jornal Brasil Seikyo. Editora Brasil Seikyo. Edição nº 1375, de 20/07/1996, disponível em: <<https://extra2.bsgi.org.br/impressos>>

¹⁶ Jornal Brasil Seikyo. Editora Brasil Seikyo. Edição nº 1337, de 30/09/1995, disponível em: <<https://extra2.bsgi.org.br/impressos>>

¹⁷ Jornal Brasil Seikyo. Editora Brasil Seikyo. Edição nº 1301, de 17/12/1994, disponível em: <<https://extra2.bsgi.org.br/impressos>>

raízes e as origens da paz. Ainda jovem ele começou a desbravar um caminho que não tinha sido explorado por outros pensadores do Século XX.

Galtung considers that the definition of peace as merely the absence of war is an extremely passive conception. For instance, if we use the analogy of the human body, how many of us would view a diagnosis of "not critically ill" to be a stamp of good health?¹⁸

Para os pensadores, é um fato inegável que os Estados soberanos foram os atores principais nas guerras e na violência do Século XX. Para eles as guerras modernas envolveram a contragosto populações inteiras em tragédias e sofrimentos incalculáveis.

Outro ponto que é analisado no diálogo é a distância entre Norte e Sul, que aumenta a cada década, gerando fome e miséria, que segundo eles, é responsabilidade dos líderes mundiais para que não devam fechar os olhos para esta violência estrutural, tendo em vista que milhões de pessoas no mundo passam fome e milhares de vidas de jovens são perdidas diariamente devido a subnutrição e doenças.

He is famous as the originator of the concept of "structural violence." Structural violence is violence caused by the way society is structured, which gives rise to discrimination, oppression, poverty, starvation, exploitation and the violation of human rights. We can see examples of this at all levels, whether within the family or within the international community. There is also what Galtung terms "cultural violence," the acceptance and legitimization of violence as a necessary or inevitable aspect of human society. Only when these broader types of violence are eliminated can we achieve a positive, active form of peace.¹⁹

Os autores, Ikeda e Galtung, concordam que atualmente o modelo de desenvolvimento econômico almeja exclusivamente a maximização dos lucros, e que a civilização moderna tende à subordinação da diversidade humana ao propósito dos objetivos monolíticos, e que neste modelo econômico cada grupo de povos enfatiza sua primazia, e que cada grupo conhece e julga sua história como a verdadeira, e com isto, o resultado é a discordância e o impasse entre as nações, o que impede a coexistência pacífica.

¹⁸ Revista SGI Quarterly. *Johan Galtung--Father of Peace Studies*. Disponível em: <<http://www.sgiquarterly.org/global2002Jan-1.html>>

¹⁹ Idem nota nº 18.

Em relação ao papel da ONU, os autores também concordam que o projeto de um sistema de cooperação mútua ainda permanece muito distante do ideal, mas ambos mantêm a esperança de que as Nações Unidas se tornará uma verdadeiro “parlamento da humanidade”, porém, a reforma do Conselho de Segurança da ONU é algo urgente e necessário para que sejam renovadas as questões de segurança humana focada no diálogo entre os povos.

Ikeda e Galtung destacam os esforços contemporâneos para que se estabeleça um novo modelo de segurança internacional, baseado na promoção da democracia, do desenvolvimento social e na defesa dos direitos humanos, excluindo o viés militar.

Durante o diálogo, os autores corroboram que a perspectiva é o que determina tudo, e que uma pessoa com uma mente covarde, que teme as críticas, jamais deixará algo escrito na história, mas aqueles que mantêm sempre uma atitude positiva e que desempenham livremente a sua sabedoria, independentemente das circunstâncias serão capazes de mudar o rumo da história.

Galtung expõe que se a humanidade quer a paz, deve estar preparada para a paz, não apenas como um ideal, mas como um projeto concreto de humanidade²⁰. Mesmo que o mundo esteja rodeado de pesquisas realistas, as pessoas devem manter seus pensamentos pacifistas vivos na mente e no coração. Para Ikeda ele diz que a paz é possível quando pensada, discutida, atualizada, e que existe alternativas para a pacificação global.

Eles concordam e expõem que a paz é o caminho para o futuro da humanidade, e que em vez dos líderes mundiais olharem a paz com um ideal distante, todos devem atuar de modo que cada passo leve em direção a paz.

Os autores corroboram que as pessoas devem se levantar decididamente para enfrentar as dificuldades, com empoderamento, e assim cobrar de seus líderes posicionamentos mais empáticos e humanistas, em prol da defesa dos direitos humanos e sociais. Eles também afirmam que a confiança no potencial de cada indivíduo, se transforme em uma onda de paz, e assim surjam pessoas corajosas que buscam o caminho da humanidade e da coexistência pacífica. Para ambos, as

²⁰ Ibidem nota nº 18.

peças são seres com capacidade inerente de paz, e que a paz é o principal meio de ajuda mútua para o desenvolvimento humano e justo.²¹

Neste capítulo é possível perceber a proximidade de Daisaku Ikeda com o pensamento de Johan Galtung, e a relevância de suas ideias nos estudos para a paz. Ikeda constantemente é lembrado como um candidato ao prêmio Nobel da Paz, em virtude de suas propostas e estudos para a pacificação do mundo.

²¹ Jornal Brasil Seikyo. Editora Brasil Seikyo. Edição nº 1302, de 01/01/1995, disponível em: <<https://extra2.bsgi.org.br/impressos>>

2. OS IDEAIS DE DAISAKU IKEDA E A SOKA GAKKAI INTERNACIONAL

2.1. Breve biografia de Daisaku Ikeda, Presidente da Soka Gakkai Internacional (SGI)

Daisaku Ikeda nasceu em Tóquio, Japão, em 02 de janeiro de 1928, e passou sua infância no bairro de *Kamata*, zona rural da capital japonesa, e de acordo com os dados disponíveis²², é filho de uma família simples de colhedores de algas marinhas *nori*, muito comum na culinária japonesa, e era o quinto filho entre oito irmãos.

Em 1939, quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial, Daisaku Ikeda tinha apenas onze anos de idade, e vivenciou os sofrimentos do povo japonês para que o Japão militarista conseguisse ampliar seus ataques, e com isto, devido às dificuldades financeiras decorrente da guerra, e a pobreza miserável assolando a população, inclusive sua família, os pais de Ikeda resolveram vender sua única casa e foram morar em um casebre em torno de Tóquio.

Com o fim da guerra, Daisaku Ikeda já estava com dezessete anos, o Japão derrotado, com toda sua infraestrutura destruída e com o território ocupado pelos países vencedores, e a população arrasada, composta de miseráveis e famintos, com famílias destruídas, entre as quais a de Ikeda.

Porém, em 1947, no dia 14 de agosto, levado por um de seus amigos de escola, Ikeda foi a uma palestra ministrada por Jossei Toda²³, e após questionar o palestrante sobre a existência humana, de como ser um cidadão patriota no pós-guerra e o porquê do imperador ser o imperador, Ikeda ficou impressionado com a sabedoria de Jossei Toda e conheceu os ideais da então Soka Gakkai, que estava sendo reconstruída.

Assim, Daisaku Ikeda tornou-se discípulo e seguidor de Jossei Toda, atuando ativamente na Soka Gakkai do Japão, convertendo-se ao Budismo de

²² Informações pesquisadas e disponíveis no site oficial da Soka Gakkai Internacional do Brasil (BSGI), disponível em www.bsgi.org.br/extranet, acessado em 27/05/2015, as 08h49min.

²³ Jossei Toda (11/02/1900 – 02/04/1958), foi o segundo presidente da Soka Gakkai do Japão, que fundou junto com Tsunessaburo Makiguti (06/06/1871 – 18/11/1944). Tanto Toda quanto Makiguti foram presos políticos por ordem do Imperador do Japão, por se oporem publicamente a guerra e em prol da liberdade religiosa, tendo em vista a tentativa de unificação religiosa imposta pelo governo militar imperial. Makiguti faleceu na prisão, por sua idade avançada e precariedade do cárcere. Jossei Toda, fraco e desnutrido, foi liberado em 03/07/1945, após o fim da guerra e reconstruiu a Soka Gakkai, com o que sobrou dela e de si mesmo.

Nitiren, a filosofia que fundamenta os ideais da SGI, e assim conseguiu emprego na tipografia no jornal *Nihon Shogakan*, um dos poucos e principais jornais reestabelecidos no pós-guerra no Japão.

Já adulto Ikeda retornou aos estudos, e formou-se pela Escola Superior *Fuji*, na área de Economia, sucedeu Jossei Toda após o falecimento deste, na liderança da Soka Gakkai do Japão, e posteriormente fundou e tornou-se o presidente da Soka Gakkai Internacional, uma das maiores organizações não governamentais das Nações Unidas, com mais de 12 milhões de associados em mais de 200 países e territórios.

Ikeda fundou diversas instituições educacionais e culturais, como as escolas do Sistema Educacional Soka, da educação infantil ao ensino superior, a Associação de Concertos Min-On, o Instituto de Filosofia Oriental e o Museu de Artes Fuji de Tóquio.

Um pacifista, filósofo, poeta laureado e escritor, com obras traduzidas para mais de vinte idiomas, e também é sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras (ABL) desde o ano de 1992, ocupando a cadeira nº 14.

Daisaku Ikeda acredita que um movimento popular²⁴, formado por pessoas comuns e sociedade civil organizada, com a missão de desenvolver a paz e o humanismo, centrado nas Nações Unidas, com o apoio de seus líderes mundiais, e que pode ser a chave para transformar o mundo, em que atualmente opera a desunião e a hostilidade, em um lugar de coexistência pacífica.

Com o falecimento de Jossei Toda, o segundo presidente da Soka Gakkai, predecessor da SGI, o jovem Ikeda, com apenas 32 anos de idade, tornou-se o líder da organização, até então estabelecida apenas no Japão, assumindo como o terceiro presidente, em 3 de maio de 1960.²⁵

Cinco meses depois, em 02 de outubro do mesmo ano, Ikeda iniciou a propagação e internacionalização da então Soka Gakkai, partindo em viagem para a América do Norte (EUA e Canadá) e do Sul (Brasil), onde se concentrava a maioria dos imigrantes japoneses no pós-Segunda Guerra, e nos anos seguintes, Ikeda

²⁴ O conceito de movimento popular firmado pelos ideais de Daisaku Ikeda é o que atualmente é conhecido como empoderamento, mas neste caso, primordialmente de pessoas comuns e da sociedade civil.

²⁵ Os três presidentes da Soka Gakkai, predecessora da SGI: Tsunessaburo Makiguti, educador e o fundador da instituição; Jossei Toda, o segundo presidente e o que reconstruiu a Soka Gakkai no pós Segunda Guerra Mundial, fortalecendo e expandindo sua atuação no Japão; e o terceiro presidente, Daisaku Ikeda, que expandiu e internacionalizou a Soka Gakkai, tornando-a Soka Gakkai internacional (SGI), e a presidindo atualmente.

expandiu o movimento em prol da paz, cultura e educação, viajando para Europa, Ásia e Índia.

Um importante marco nessa fase inicial de expansão da então Soka Gakkai ocorreu em 08 de setembro de 1968, quando Ikeda apresentou uma proposta diplomática para reatar as relações diplomáticas sino-japoneses²⁶, rompidas durante a Segunda Guerra Mundial, justamente numa época em que a Guerra Fria estava iminentemente agressiva.

Na década de 1970, Ikeda continuou expandindo a atuação da Soka Gakkai, e buscava o reconhecimento da organização, tanto é que ele se encontrou com diversas personalidades intelectuais e líderes da China, da antiga União Soviética (URSS) e dos Estados Unidos (EUA). Muitos destes encontros tornaram-se posteriormente livros de diálogos, e foram publicados em diversos países. Tais encontros com personalidades²⁷ e líderes já somam mais de sete mil, e as obras literárias na forma de diálogo já ultrapassaram a marca de cinquenta títulos.²⁸

Assim, diante dessa expansão internacional da Soka Gakkai, em 26 de janeiro de 1975, na Ilha de Guam, foi fundada a Soka Gakkai Internacional (SGI), e Ikeda foi indicado para ser o presidente, com isto, em abril de 1979, tornou-se presidente honorário da Soka Gakkai (do Japão).

A SGI é oficialmente registrada como uma ONGI (organização não governamental internacional) no Conselho Econômico e Social das Nações Unidas (ECOSOC), no Alto Comissariado das Nações Unidas para refugiados (ACNUR), no Departamento de Informações Públicas das Nações Unidas (UNDPI), e na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), e também integra a Federação Mundial das Associações das Nações Unidas (WFUNA).²⁹

²⁶ Entre os anos de 1945 a 1971 as relações diplomáticas entre Japão e China foram rompidas, tendo em vista a ocupação japonesa em território chinês e da Manchúria antes e durante a Segunda Guerra Mundial, somada a posição reservada do Japão em reconhecer os atos de crime de guerra (MARTINS, 1997:38). Neste período as negociações de alto nível governamental entre as duas nações estavam suspensas e Ikeda, através da Soka Gakkai, e demais instituições da sociedade civil organizada dos dois países tomaram a frente das negociações promovendo diálogos entre seus líderes, que posteriormente restabeleceram as relações diplomáticas a partir de 1971.

²⁷ Entre os encontros que se tornaram livros em forma de diálogo, destaca-se o diálogo com o historiador britânico Dr. Arnold Toynbee, no ano de 1972, que já foi publicado em 27 idiomas.

²⁸ Revista SGI Quartely – edição em português. Encarte especial. Janeiro de 2013. Número 71.

²⁹ Revista Terceira Civilização (ISSN 1518-9090). Editora Brasil Seikyo. Junho de 2014. Número 550.

Desde 1983, anualmente em 26 de janeiro, quando é comemorado o Dia da SGI, Daisaku Ikeda encaminha à ONU sua “Proposta de Paz”, com isto, em 2015 o líder já enviou sua 33ª “Proposta de Paz a ONU”.

No ano de 1995, foi aprovada a Carta da SGI, que estabelece os princípios filosóficos e humanísticos da organização. Em 1996, foi fundado o Instituto Toda para a Paz Global e Pesquisa Política; em 2001, foi inaugurado campus universitário de Aliso Viejo da Universidade Soka da América (SUA), na Califórnia, EUA.

Além disso, Ikeda já recebeu mais de 25 condecorações estatais, cerca de trezentos títulos acadêmicos, mais de setecentos títulos de cidadania honorária, de Doutor *Honoris Causa*, entre outras homenagens diversas em reconhecimentos à sua atuação em prol da paz, cultura e da educação, inclusive do Brasil, que já ultrapassaram a casa de mil. Ikeda também já realizou mais de trinta palestras e conferências em renomadas universidades e entidades científicas pelo mundo, e constantemente é lembrado como um “eterno candidato ao Prêmio Nobel da Paz”.

2.2. História da Soka Gakkai Internacional como Organização Não Governamental filiada a ONU

A Soka Gakkai Internacional, comumente conhecida pela sigla SGI, é uma organização mundial e não governamental (ONG) que tem entre seus objetivos a promoção da paz, da cultura e o respeito pela vida humana em todos os seus aspectos, além da promoção da educação humanista.³⁰

Trazendo os conceitos e entendimentos de Mônica Herz e Andrea Ribeiro Hoffmann, em sua obra que trata sobre as “*Organizações Internacionais: histórias e práticas*”³¹, podemos enquadrar a Soka Gakkai Internacional (SGI) em uma “organização não governamental internacional (ONGI)”, tendo em vista o meio e o campo de atuação da SGI.

A Soka Gakkai Internacional foi fundada em 26 de janeiro de 1975, com a finalidade de unir os esforços do crescente número de membros da sua predecessora, a Soka Gakkai (Sociedade de Criação de Valores Humanos), que é oriunda do Japão, fundada no ano de 1930, por Tsunessaburo Makiguti, e que no

³⁰ Associação Brasil SGI (ed.). *BSGI; Por uma sociedade de Paz*. São Paulo, Brasil Seikyo, 1999, p. 10.

³¹ HERZ, Monica; HOFFMANN, Andreia. *Organizações Internacionais: história e práticas*. Rio de Janeiro: Ed. Campus Elsevier, 2004, p. 17 a 40.

pós Segunda Guerra Mundial, foi liderada por Jossei Toda, que criou as bases sólidas da organização, e conseqüentemente decorrer da década de 1960, já liderada por Daisaku Ikeda, começou a se expandir internacionalmente.

Para as autoras Herz e Hoffmann, ao tratar sobre ONGI's, ensinam que:

(...) o surgimento de mais diversas organizações internacionais, muitas reorganizadas ou formalmente criadas a partir de acordos internacionais ou regimes políticos das mais variadas áreas temáticas, da segurança à economia, meio ambiente, passando ainda pela extensa área social (2004:10).

Nesse sentido, pode-se incluir a Soka Gakkai Internacional, no pós Guerra Fria, o que não foi diferente, que mesmo tendo iniciado sua expansão e internacionalização em meados dos anos de 1975, teve seu auge de reconhecimento no final dos anos de 1980 e 1990.

A criação da SGI decorreu da necessidade de internacionalizar formalmente a Soka Gakkai, expandindo suas atividades e campo de atuação.

Para Hertz e Hoffmann, as autoras buscam definir tais organizações internacionais incluindo as organizações intergovernamentais (OIG's), mas também as organizações não-governamentais internacionais (ONGI's).

Segundo as autoras, o papel das mais relevantes organizações internacionais no mundo atual e globalizado, seria o de assegurar um certo grau de governança global³², o que indica a apreciação da perspectiva teórica que percebe nas organizações a possibilidade de serem atores na arena internacional, ainda que com relativa autonomia.

Atualmente a SGI é presidida por Daisaku Ikeda, que também é seu fundador, e a organização já está presente em mais de 200 países e territórios do mundo.³³

A organização internacional é composta por membros associados, pessoas comuns que integram diversos setores da sociedade civil organizada, de cada país ou região em que a SGI possui representação.

³² De acordo com Comissão sobre Governança Global da ONU, "governança global" é a totalidade das maneiras pelas quais indivíduos e as instituições públicas e privadas administram seus problemas em comum, em um amplo, dinâmico e complexo processo interativo de tomada de decisões que se ajustam conforme as necessidades e dilemas de cada circunstância.

³³ Revista SGI Quartely – edição em português. Encarte especial. Janeiro de 2013. Número 71.

A SGI, como uma ONG é filiada a Organização das Nações Unidas desde o ano de 1981, e promove diversas atividades que incluem exposições, intercâmbios culturais e educativos, bem como a ajuda humanitária em nível mundial.

A sede da SGI fica em Tóquio, Japão, e articula as diversas organizações internacionais afiliadas a ela.³⁴

Em outubro de 1981 a SGI se filiou a ONU como uma organização não governamental (ONG) de posição consultiva do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) e no Departamento de Informações Públicas (UNDPI); em 1983 começou a participar do Conselho Econômico e Social (ECOSOC); em 1989 integrou a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO). É também membro da World Federation of the United Nations Associations (Federação Mundial das Associações das Nações Unidas – WFUNA).³⁵

Filosoficamente, a SGI baseia seus princípios nos ensinamentos de Nitiren Daishonin, um monge budista que viveu no Séc. XIII, no Japão medieval, e está centrada no conceito de Revolução Humana, que se caracteriza por uma análise interior, espiritual, de cada indivíduo, para que este crie confiança em si mesmo, e que possa criar novos valores humanos e por sua vez contribuir na criação e no desenvolvimento de um mundo pacífico e humanista.

Tal conceito pode ser visto no seguinte trecho escrito por Daisaku Ikeda em uma de suas principais obras literárias: *“Seja como for, a grandiosa Revolução Humana de uma única pessoa irá um dia impulsionar a mudança total do destino de um país e, além disso, será capaz de transformar o destino de toda a humanidade!”*³⁶

A partir deste princípio a SGI, como um movimento humanista, promove suas ações direcionadas para a dignidade da vida e, conseqüentemente a obtenção da paz. Porém o conceito de paz da SGI não se limita apenas na ausência de guerra ou de conflitos armados, mas sim em um todo um processo dinâmico de interação humanista, com a finalidade de transformar a força destrutiva das pessoas em uma força criadora de respeito aos direitos humanos e sua diversidade cultural.

³⁴ Instituições afiliadas a SGI: Associação de Concertos Min-On; Museu de Arte Fuji de Tóquio; Centro de Pesquisas para o Século XXI de Boston; Instituto Toda de Pesquisa para a Paz Global; Instituto de Filosofia Oriental; Centro de Projetos e estudos Ambientais do Amazonas.

³⁵ Revista Terceira Civilização, Editora Brasil Seikyo, nº 377, p. 19.

³⁶ IKEDA, Daisaku. *Revolução Humana*. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 1974, volume 2, pág.187.

Tanto é que o tema da paz é recorrente na Carta da SGI³⁷, e pauta sua atuação e atividades culturais, educacionais, políticas e ambientais, além de estímulo ao aprimoramento individual de cada um de seus membros.

Com este pensamento, somado aos princípios budistas de Nitiren, o foco de todo este processo de reforma interior, ou revolução humana, está centrada na tese de que cada ação humana transcende seu contexto imediato e se reflete por todo o mundo.

Desde a sua fundação e consequente internacionalização em 1975, a SGI através de seu presidente, Daisaku Ikeda, promoveu diversos diálogos com os principais líderes políticos, culturais e intelectuais de todo o mundo, entre os quais Nelson Mandela, Mikhail Gorbachev, Arnold Toynbee, Johan Galtung, Austregésilo de Athayde. Para Ikeda, o diálogo sincero entre os líderes e seus povos pode abrir o caminho para o respeito mútuo e a criação de uma paz duradoura.³⁸

Em relação à ONU, a SGI, baseando-se na Carta das Nações Unidas, trabalha efetivamente para o fortalecimento daquela, apoiando em suas atividades relacionadas à paz, tanto é que a SGI já promoveu diversas campanhas para angariar fundos no apoio às atividades humanitárias da ONU, principalmente para os refugiados da Ásia, da África e dos Balcãs³⁹.

A SGI atua em consonância com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), no apoio aos projetos de provisões médicas e de abastecimentos de bens e produtos básicos para as pessoas, com a participação do Departamento Médico da SGI nos campos de refugiados no Quênia em 1993 e da Tanzânia em 2000.

De acordo com as informações constantes no site oficial da organização⁴⁰, a SGI também promoveu diversas ações humanitárias durante os desastres naturais ocorridos recentemente na Índia e em El Salvador, em que os membros da SGI de Hong Kong, Taiwan, Japão, Estados Unidos, México e outros países, ofereceram ajuda financeiras para reconstrução de regiões afetadas e suporte estrutural para as populações afetadas.

³⁷ A “Carta da Soka Gakkai Internacional” é a base estatutária da organização.

³⁸ SOKA - Revista de estudos sobre criação de valor. Editora Brasil Seikyo. Periodicidade anual. Ano 1. Número 1, 2010, p. 11.

³⁹ Revista SGI Quartely – edição em português. Encarte especial. Janeiro de 2013. Número 71, p. 15.

⁴⁰ Site oficial da BSGI: www.bsgi.org.br

Em relação à política de abolição das armas nucleares, a SGI se destaca como organização pioneira em atividades e movimentos internacionais para a eliminação total deste tipo de armamento, desde sua predecessora, a Soka Gakkai.

O pioneirismo e o protagonismo da SGI como uma ONG filiada a ONU na luta pela total eliminação de armamentos nucleares, em plena Guerra Fria, se exteriorizou com a exposição intitulada “Armas Nucleares: Ameaça ao nosso mundo”, que ocorreu no decorrer do ano de 1982, na sede central das Nações Unidas, em Nova Iorque, nos EUA, e que posteriormente percorreu mais de trinta cidades em diferentes países.⁴¹

Estes foram os primeiros atos de reconhecimento internacional da SGI, sob a liderança de Daisaku Ikeda.

Outro meio de atuação da organização é através das exposições educativas que se tornaram um dos principais meios de reconhecimento da SGI, tanto na esfera internacional, quanto nos países ao qual possui representação, sendo uma das formas de levar ao grande público as atividades e os ideais da organização.

Atualmente a SGI, sob a liderança de Ikeda, participa e organiza diversos seminários e conferências nas quais se debatem diferentes tópicos baseados nos princípios humanistas.

Entre estas atividades estão os seminários sobre “Respeito aos Oceanos”, “Direitos Humanos e pluralismo cultural”, “Reforma nas Nações Unidas”, “Aspectos Políticos e religiosos do conflito cultural”, todos em parceria com o Centro de Pesquisas para o Século XXI de Boston, EUA.

Assim, a SGI surgiu em 1975, em decorrência da expansão da sua predecessora, a Soka Gakkai do Japão, fundada e sendo presidida por Daisaku Ikeda, até os dias atuais, e que no decorrer da década de 1980 e 1990, promoveu sua expansão e diversas atividades para ser reconhecida internacionalmente, e atualmente, desde o início dos anos 2000, a SGI voltou-se na valorização do indivíduo, na criação de valores humanos, em prol da paz, cultura e educação.

⁴¹ Revista SGI Quartely – edição em português. Encarte especial. Janeiro de 2013. Número 71, p.13.

2.3. A Soka Gakkai Internacional no Brasil (BSGI)

Desde 1960, com a fundação da SGI no Brasil (BSGI)⁴², a organização promove diversas atividades na sociedade latino-americana, atualmente os fóruns sobre direitos humanos na Argentina, Venezuela e Brasil, em parceria com a Cruz Vermelha Internacional e com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados.

Outros meios de atuação na América Latina são as campanhas e as escolas de alfabetização, de jovens e adultos, como no Peru e no Brasil, através de uma Coordenadoria Educacional, que tem um programa de alfabetização com duração de 40 horas.

Ainda no campo da educação, a atuação da SGI na América Latina, em especial no Brasil, foi a implantação do Sistema Educacional Soka⁴³, que se baseia em um método desenvolvido por Tsunessaburo Makiguchi, o fundador da Soka Gakkai.

Em relação ao meio ambiente, a SGI possui um centro de estudos e pesquisas ambientais no Amazonas, às margens do encontro entre os rios Negro e Solimões, conhecido como CEPEAM, que visa proteção da bacia do Rio Amazonas, em parceria com o Ministério do Meio Ambiente e da Secretaria Econômica do Meio Ambiente.

Na cultura a SGI através da Associação de Concertos Min-On e do Museu de Arte Fuji realiza constantes intercâmbios com os países da América Latina, entre os quais Argentina, Brasil, Peru, Colômbia, Cuba e México.

2.4. Daisaku Ikeda e suas quatro visitas ao Brasil

Em relação ao Brasil, Daisaku Ikeda já esteve em quatro visitas oficiais, sendo a primeira, em 19 de outubro de 1960, quando da fundação da SGI no Brasil; a segunda visita ocorreu em 10 de março de 1966, sendo que nesta segunda visita ao Brasil, Ikeda, sua comitiva e todas as atividades da organização foram sempre

⁴² A Associação Brasil SGI (BSGI), representante da SGI no Brasil foi fundada em 19 de outubro de 1960 por Daisaku Ikeda, que na mesma viagem fundou representações da SGI nos EUA e Canadá, na época conhecida como Soka Gakkai do Brasil.

⁴³ O Sistema Educacional Soka é composto por diversas instituições de ensino, entre as quais a Universidade Soka do Japão, a Universidade Soka da América, Campus de Aliso Viejo, na Califórnia, EUA, e diversas Escolas Soka de ensino fundamental e médio, entre as quais uma em São Paulo, SP, além de parcerias com instituições de ensino, como a USP e UFPR.

vigiados pelo Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), do antigo Regime Militar. No ano de 1974, em que seria a terceira visita do líder ao Brasil, Ikeda e sua comitiva foram impedidos de desembarcar no País, sendo-lhes negado o visto de entrada por ordem do Governo Militar brasileiro⁴⁴.

Em 1984, em 19 de fevereiro, Daisaku Ikeda conseguiu voltar ao Brasil, e durante os onze dias de permanência em solo brasileiro, Ikeda viajou para Brasília, onde manteve audiência oficial como o então Presidente da República, o General João Baptista Figueiredo, e com os Ministros de Estado da Educação, da Cultura, da Casa Civil e das Relações Exteriores. Este encontro com as maiores autoridades políticas do Brasil foi considerado um ato formal de reaproximação e de amizade, para desfazer a imagem hostil da visita cancelada em 1974.

A quarta e última visita de Daisaku Ikeda ao Brasil ocorreu em 09 de fevereiro de 1993, ocasião em que foi recebido pelo Presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), Prof. Austregésilo de Athayde, de quem recebeu o título de sócio correspondente da entidade.

Nesta mesma visita, Ikeda recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Medalha dos Bandeirantes, a maior honraria do Estado de São Paulo, o título de Educador Emérito da Escola Pública do Estado de São Paulo e o de Professor Visitante Honorário da Universidade de São Paulo (USP).

E ainda, pelo Estado do Paraná, Ikeda foi agraciado com a Ordem do Pinheiro pelo Governo do Estado, e com os títulos de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e de cidadão honorário do Município de Londrina.

⁴⁴ A negativa do visto de entrada a Daisaku Ikeda e sua comitiva no que seria sua terceira visita ao Brasil, no ano de 1974, apesar de não se ter fontes oficiais, estima-se que tal impedimento se deu em decorrência do endurecimento do governo Médici/Geisel que via a Soka Gakkai como uma organização de similitude comunista, inclusive após consultar a Embaixada do Japão no Brasil.

3. ANÁLISE DAS PROPOSTAS DE PAZ ELABORADAS POR DAISAKU IKEDA: Entre os anos de 2010 a 2015.

Neste capítulo serão analisadas as propostas de paz elaboradas por Daisaku Ikeda que são enviadas anualmente para a ONU.

Daisaku Ikeda, como já apresentado nos capítulos anteriores, é um filósofo, pacifista, líder budista da organização não governamental Soka Gakkai Internacional (SGI), filiada a ONU e demais instituições, e que desde 1983 envia anualmente as Nações Unidas suas ideias pacifistas e humanistas em forma de Propostas de Paz.

A partir deste ponto, serão apresentadas e analisadas, de forma breve, as últimas cinco propostas de paz elaboradas por Daisaku Ikeda e enviadas à ONU, a partir do ano de 2010, porém, conforme necessidade, alguns pontos de outras propostas mais antigas poderão ser trazidas para a presente análise apenas para o desenvolvimento dos trabalhos.

A relevância de trazer as mais recentes propostas de paz elaboradas por Ikeda visa corroborar com as análises hodiernas do campo de estudo para a paz desenvolvida por Galtung, identificando e destacando pontos de convergência e similitudes entre os dois pensadores.

As análises e discussões a seguir se concentrarão nas propostas de paz dos últimos cinco anos, tendo em vista o lapso temporal e a grandiosidade de temas que foram abordados por Ikeda em trinta anos de proposições, somada à atualidade dos temas relativos aos estudos para a paz.

3.1. Proposta de Paz do ano de 2010: *Novos Valores para uma Nova Era.*

Na proposta de paz do ano de 2010, a 28ª elaborada, intitulada “*Novos Valores para uma Nova Era*”, Daisaku Ikeda, conclama a sociedade internacional e suas instituições a iniciarem uma ação, rápida e precisa, com metas e objetivos, para a concretização de um mundo sem armas nucleares.

Ikeda relembra o discurso do presidente dos EUA, Barack Obama, em Praga, na República Tcheca:

O presidente Obama impulsiona uma transformação fundamental na questão das armas nucleares — produto demoníaco da civilização científico-tecnológica moderna. No discurso de Praga, República Tcheca, em abril de 2009, falou da responsabilidade moral dos Estados Unidos por ser o único país a usar bombas atômicas na guerra. Obama clamou por um mundo liberto dessas armas, gerando novo ímpeto aos esforços para o desarmamento, paralisados há muito tempo.⁴⁵

A eliminação, ou abolição, das armas nucleares é um dos princípios da SGI, desde a declaração de Jossei Toda, mentor e antecessor de Ikeda, no ano de 1957, que divulgou seu manifesto no qual condenava publicamente tais armas de destruição em massa, por serem uma ameaça ao que chamou de “direito de existência” da humanidade.

A abolição dessas armas é uma questão antiga, de extrema importância para mim: compromisso que mantenho com meu mestre, o segundo presidente da Soka Gakkai, Jossei Toda (...). Há mais de meio século, em setembro de 1957, meu mestre Jossei Toda condenou as armas atômicas como um mal absoluto, que não deveriam ser usadas sob quaisquer circunstâncias. Nos anos que se seguiram, a Assembleia Geral das Nações Unidas adotou uma série de resoluções declarando o uso dessas armas um crime contra a humanidade e a civilização. Contudo, uma clara norma a respeito dessa questão ainda precisa ser consagrada. (IKEDA, 2010, p. 20)

A questão envolvendo a abolição total das armas nucleares é um assunto constante em quase todas as propostas de paz elaboradas por Ikeda, principalmente para que as novas gerações conheçam as atrocidades de um ataque nuclear como o ocorrido no Japão durante a Segunda Guerra Mundial.

A retomada do tema de eliminação das armas nucleares em sua proposta de paz de 2010 foi oportuna tendo em vista que naquele ano seria realizada a Conferência de Revisão do Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP), organizada pelas Nações Unidas.

Lamentavelmente, o TNP, na estrutura atual, não tem sido capaz de reduzir ameaças e oferecer garantias mútuas para intensificar a confiança. Se progressos fossem logrados nas negociações para esses objetivos na base regional, mais importante seria a segurança física e psicológica da sua participação no desarmamento, impedindo o crescente isolamento externo. Sem dúvida, diminuiria a motivação para desenvolver ou adquirir armas atômicas. (IKEDA, 2010, p.18)

⁴⁵ Proposta de Paz do ano de 2010: *Novos Valores para uma Nova Era*. Disponível em: <http://www.culturadepaz.org.br/media/propostas/proposta_paz2010.pdf>

Esta Conferência de revisão⁴⁶ foi realizada durante o mês de maio de 2010, em Nova Iorque, na sede da ONU, e ao final estabeleceu novas metas para o desarmamento, para o controle de programas de armas nucleares, e novas normas para uso energético das fontes nucleares. Um ponto de acordo que saiu deste encontro foi a proibição total do desenvolvimento de armas nucleares em toda a região do Oriente Médio, o que desagradou fortemente o governo de Israel.

Ikeda, antecipando-se às decisões da Conferência, tendo em vista que a proposta de paz é divulgada no mês de janeiro de cada ano, e esta propôs que as zonas de proibição de desenvolvimento e uso de armas nucleares fosse expandidas para o Nordeste da Ásia, Sul da Ásia, além do Oriente Médio, como um passo em direção da completa desnuclearização.

Até agora, as Zonas Livres de Armas Nucleares (NWFZ)⁴⁷ têm trabalhado para preencher a lacuna deixada na estrutura legal pela falta de tratados ou convenções que proibam o uso de armas nucleares. Em 2009, tratados de NWFZ entraram em vigor na Ásia Central e na África. Estes acordos similares abrangeram a América Latina e o Caribe, o Pacífico Sul e o Sudeste Asiático. A decisão de tantos governos de várias regiões do mundo para eliminar os arsenais nucleares é realmente significativa. (IKEDA, 2010, p.17)

Outro ponto da proposta de paz do ano de 2010 trazida por Ikeda foi a revisão das normas e estatutos do Tribunal Penal Internacional para classificar o uso de armas nucleares como crime de guerra, e que se crie um sistema multilateral pelo qual a Assembleia Geral das Nações Unidas e o Conselho de Segurança trabalhem juntos para a completa eliminação das armas nucleares, conforme o Artigo 26 da Carta das Nações Unidas, o qual concede ao Conselho de Segurança a responsabilidade de formular planos para a regulamentação de armamentos.

O Artigo 11 da Carta declara que a Assembleia Geral “poderá considerar os princípios comuns de cooperação na manutenção da paz e da segurança internacionais, inclusive os princípios que disponham sobre o desarmamento e a regulamentação dos armamentos, e poderá fazer recomendações relativas a tais princípios aos Membros ou ao Conselho de Segurança, ou a este e àqueles conjuntamente”. Já o Artigo 26 diz que o

⁴⁶ VIII Conferência das Partes do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares, que foi realizada entre os dias 03 a 28 de maio de 2010, em Nova Iorque (EUA), com a presença de representantes dos 189 Estados signatários do tratado. Este encontro geralmente é realizado a cada cinco anos.

⁴⁷ Zonas Livres de Armas Nucleares (NWFZ, sigla em inglês), são regiões que impedem a proliferação das armas nucleares, atualmente existem cinco regiões oficialmente reconhecidas pela ONU como NWFZ: América Latina e Caribe, Pacífico Sul, Sudeste Asiático, África, e Ásia Central.

Conselho de Segurança tem a responsabilidade de formular planos para a regulamentação dos armamentos a fim de “promover o estabelecimento e a manutenção da paz e da segurança internacionais, desviando o menos possível de recursos humanos e econômicos do mundo para armamentos”. Até hoje, a Assembleia Geral alicerça-se no Artigo 11, empenhando-se ativamente em questões de desarmamento. Em contrapartida, o Conselho de Segurança tem falhado em cumprir esse papel, deixando o Artigo 26 adormecido durante todos esses anos (...) Com base neste princípio, clamo para que todos os esforços possíveis sejam feitos para a implementação plena do Artigo 26 da Carta das Nações Unidas, de forma que o Conselho de Segurança cumpra com as obrigações de desarmamento, fortalecendo o ímpeto para a abolição nuclear e a desmilitarização do nosso planeta. (IKEDA, 2010, p. 22)

O autor da proposta de paz de 2010 também observou que, no caso das armas químicas e biológicas, a proibição ao seu uso precede aos tratados que banem, de modo abrangente, sua produção e estocagem, e que a mesma estratégia seja usada para fortalecer e expandir as restrições contra o uso de armas nucleares como um passo concreto em direção da sua total abolição e eliminação.

Gostaria de oferecer algumas propostas concretas para duas importantes áreas. A primeira refere-se às armas nucleares, que continuam a ameaçar a humanidade como o mal supremo, rejeitando totalmente as necessidades e o bem-estar dos outros. A segunda diz respeito às distorções estruturais da comunidade global, onde a miséria e a fome continuam a ferir a dignidade humana (...). Para os Estados nucleares, chegou o momento de desenvolver a visão comum de um mundo sem armas atômicas e de se livrar da crença ilusória de que a segurança pode ser obtida com ameaças de destruição mútua e com equilíbrio do terror. (IKEDA, 2010, p. 16)

No aspecto econômico, quando trata sobre as origens da crise econômica, iniciada no ano de 2008 e que ainda permanecia forte no ano de 2010, Ikeda usa o *niilismo nietzschiano*⁴⁸ como um fator de base para a crise enfrentada pelo mundo, e a forma que vinha sendo tratada, tendo em vista que a falta de convicção e a perda dos valores de humanidade fizeram que a crise econômica atingisse fortemente os países mais pobres e sua população.

Tanto é que Ikeda afirma: *“Quero me deter numa questão profunda: o pessimismo. Ou ainda: o niilismo que permeia a sociedade contemporânea. O*

⁴⁸ O niilismo nietzschiano é um conceito filosófico e complexo, que foi aperfeiçoado por Nietzsche, mas em resumo, pode ser entendido como a falta de convicção em que se encontra o ser humano atualmente, após a desvalorização de qualquer crença, assim, a pessoa se despede dos valores morais e regras estabelecidas por doutrinas religiosas, no caso a cristã, e por fim, somente o ser humano é capaz de criar novos valores morais, existenciais e políticos.

niilismo é comumente atribuído a Friedrich Nietzsche (1844-1900) por sua afirmação da morte de Deus". (IKEDA, 2010, p.6)

Ikeda constatou que tanto as armas nucleares quanto a crise econômica mundial são produtos da competência tecnológica, impulsionada pelas formas mais profundas e primitivas de desejo humano, de maximizar ganhos e lucros em detrimento de outros, e separada de um senso de propósito construtivo.

A crescente desigualdade de renda é inegável. Não podemos fechar os olhos para tantas tragédias que dela se originam, inclusive crimes e suicídios. Há muito tempo saliente que existe uma clara responsabilidade política para enfrentar a situação. Medidas legais e sistêmicas para manter uma rede de segurança social são exigências dos valores éticos, como equidade e justiça, sobre os quais toda ordem social próspera repousa. Contudo, minha preocupação maior é com o precário resultado dos esforços para melhorar as condições físicas e tangíveis. Porque só combatem os sintomas. O fundamental é eliminar as causas (...). A crise econômica tem causado forte impacto na vida de cidadãos em muitos países. Existe a preocupação de que uma de suas consequências será a de um retrocesso dos esforços internacionais para solucionar questões globais, como a pobreza e a degradação ambiental. Precisamos evitar o ciclo em que crises dão surgimento ao pessimismo, que por sua vez, gera novas crises. (IKEDA, 2010, p. 7)

Assim, em resposta a tais desigualdades, que se aprofundam cada vez mais do sistema econômico globalizado, Daisaku Ikeda faz um apelo para o desenvolvimento de novas formas de trabalho, uma revisão de como usar a mão de obra das pessoas, o que a Organização Mundial do Trabalho (OIT) vem chamando de trabalho decente, ou seja, um trabalho que permite que as pessoas possam satisfazer suas necessidades com dignidade e justiça.

Com base na convicção de que “trabalho não é conveniência” e de que “o trabalho deve ser fonte de dignidade”, a OIT defende o conceito de trabalho decente para todos (...). Os governos devem cuidar para que iniciativas de assistência especificamente formuladas para enfrentar a atual crise econômica não acabem de forma prematura. Como a OIT adverte, isso pode atrasar em anos a restauração do mercado de emprego e impedir que a economia decole e se recupere. É, portanto, essencial que os governos continuem a desenvolver medidas bem coordenadas para expandir oportunidades de trabalho. (IKEDA, 2010, p.25)

Ikeda também salienta a importância do “G-20”, como forma de redistribuir as lideranças mundiais e seus principais atores, encontrando soluções cooperadas para a crise econômica e outros problemas que constantemente afligem a

humanidade, respeitando a multiculturalidade do planeta e uma melhor coexistência entre os povos.

É preciso resistir à tentação de abandonar o diálogo e adotar a violência. Permanecer comprometidos com o processo de hesitação filosófica, resistindo à tensão e à fornalha da luta espiritual incessante, onde nossa humanidade é realmente forjada. A existência dos outros é a premissa inevitável para um modo de vida genuinamente humano (...) Dessa forma, o G-20 assumiria a responsabilidade de ser a força motriz para a recuperação do emprego mundial, tomando ações compromissadas até que as pessoas consigam sentir concretamente que a crise já passou. (IKEDA, 2010, p. 14)

Em relação ao empoderamento das mulheres, em outro ponto da Proposta de Paz, Ikeda observa que 2010 era o ano do décimo aniversário da Resolução nº 1325 do Conselho de Segurança das Nações Unidas⁴⁹, a qual se concentra nas mulheres como agentes ativas na criação e promoção da paz.

A expansão de horizontes às mulheres, proporcionada pela educação, conduzirá a um futuro brilhante para elas próprias, para os filhos e a família e, conseqüentemente, permeará a sociedade com a luz da esperança. Sem dúvida, a educação possui esse potencial (...) o espírito da Resolução 1325 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, adotada dez anos atrás, em outubro de 2000. O significado da Resolução reside, acima de tudo, no fato de que foi uma declaração para o mundo no início do século 21: o envolvimento das mulheres é essencial para que a paz duradoura seja alcançada. (IKEDA, 2010, p. 26).

A partir de então, Ikeda propõe uma renovação dos esforços para assegurar igualdade de gênero na educação e faz um apelo para que as preocupações e perspectivas das mulheres sejam colocadas no centro das iniciativas de desenvolvimento humano.

Neste aspecto, no que tange à educação, Ikeda propõe, mais uma vez, para que o sistema educacional de todos os países sejam centros de estímulo para os jovens na criação de uma cultura para paz.

⁴⁹ Em 31 de outubro de 2000, o Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou por unanimidade a Resolução 1325 sobre Mulheres, Paz e Segurança. A resolução tem como objetivos: proteger os direitos de mulheres e meninas durante conflito armado, combater a impunidade em crimes de gênero, promover a igualdade de gênero em operações de manutenção da paz, e aumentar a participação das mulheres nas atividades de pacificação, antes, durante e depois do conflito armado.

(...) Precisamos educá-las para que se tornem indivíduos capazes de defender os direitos e a dignidade delas e dos outros. É importante o papel das crianças para que a cultura de paz finque raízes na sociedade. Para expandir ainda mais o alcance positivo de uma cultura de paz, é imprescindível não apenas o trabalho das Nações Unidas e dos governos, mas também o da sociedade civil (...). As crianças são mensageiras do futuro, tesouro comum da humanidade. Convencidos de que o ato de encorajar e plantar a esperança no coração das pessoas é o caminho certo para a paz mundial, continuaremos a lutar para edificar uma comunidade global, onde a infância tenha as prioridades. (IKEDA, 2010, p. 29).

Por fim, Ikeda propõe esforços intensivos durante os próximos cinco anos para atingir tais objetivos, apresentados em sua proposta, culminando em um sugestivo fórum pela abolição nuclear que poderia ser realizado em Hiroshima e Nagasaki no ano de 2015, o qual simbolicamente marcaria o fim da era das armas nucleares em todo o globo terrestre, ainda dentro do período de vida dos sobreviventes dos ataques nucleares da Segunda Guerra Mundial.

3.2. Proposta de Paz do ano de 2011: *Por um mundo digno de todos – o triunfo da vida criadora.*

Na Proposta de Paz divulgada por Daisaku Ikeda em 26 de janeiro de 2011, intitulada “*Por um mundo digno de todos: o triunfo da vida criadora*” o autor convoca a sociedade civil internacional para tomar a dianteira na resolução de dois dos principais desafios do Século XXI: a abolição de armas nucleares e o desenvolvimento de uma cultura global de direitos humanos.

Com o fim da guerra fria, a integração econômica mundial provocou situações delicadas com a pobreza e a destruição ambiental, que exigem a preocupação universal. Nos primeiros anos do século 21, o mundo sofreu abalos profundos — dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 à recente crise econômica. As tentativas para enfrentar esses problemas não só diminuíram, regrediram. (...). Mais de oito milhões de pessoas morrem anualmente em decorrência direta ou indireta da pobreza extrema, a dignidade da vida de mais de um bilhão de pessoas está sujeita a ameaças diárias.⁵⁰

⁵⁰ Proposta de Paz do ano de 2011: *Por um mundo digno de todos: o triunfo da vida criadora.* Disponível em: <http://www.culturadepaz.org.br/media/propostas/proposta_paz2011.pdf>

Como na proposta anterior do ano de 2010, Ikeda retoma as discussões sobre a abolição total das armas nucleares e a educação de jovens para o desenvolvimento de uma cultura para a paz.

Com esta convicção, destaco ações iluminadas de pessoas comuns, solidárias às Nações Unidas, pelo êxito de dois desafios da segunda década deste século: a proibição e a abolição das armas nucleares e a formação de uma cultura dos direitos humanos. (IKEDA, 2011, p. 16)

Novamente Ikeda expressa sua fé como líder budista e da SGI, em temas intimidantes e complexos, mas acreditando fielmente na capacidade humana de enfrentar e superar até mesmo desafios aparentemente intransponíveis.

Quando cada um de nós dá contribuição exemplar e, juntos, desenvolvemos redes de solidariedade múltiplas, aprendemos as amargas lições do século 20 tão estigmatizado pela guerra e pela violência. Só então construiremos uma nova era, fundamentada no respeito dos valores humanos da dignidade da vida. (IKEDA, 2011, p. 17)

Sobre a abolição nuclear, em 2011 ele propõe medidas para que a sociedade civil torna-se agente como a proposta de estabelecer os meios dos quais os Estados que possuam armas nucleares se mobilizem de maneira rápida e eficaz rumo ao total desarmamento, e ainda, o de evitar ainda mais o desenvolvimento ou modernização de tais armas nucleares; além de extinguir de maneira abrangente essas armas por meio de uma futura convenção internacional sobre armas nucleares.

Proponho três desafios, em nome de “Nós, os povos...”: 1. Reconhecendo que a abolição total é a única garantia incondicional contra a ameaça das armas atômicas, criar estruturas que favoreçam aos Estados detentores a eliminação de seus estoques. 2. Considerando inadmissível a ação de qualquer país contrário a um mundo livre de armas nucleares, instituir meios de impedir e proibir a propagação desses armamentos. 3. Fundamentados na consciência de que esses armamentos nucleares são as mais desumanas de todas, capazes de causar consequências catastróficas, estabelecer em breve uma Convenção sobre Armas Nucleares. (IKEDA, 2011, p. 16)

Ikeda também expressa apoio ao apelo do Secretário Geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, pela manutenção das reuniões regulares do Conselho de Segurança da ONU sobre desarmamento nuclear.

Assim, o autor propõe que os países que tenham abdicado das armas nucleares sejam participantes formais e efetivos nessas discussões junto ao Conselho de Segurança da ONU, e que especialistas e representantes de ONGs também discurssem nas reuniões, democratizando as ideias.

O secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, visitou Hiroshima em agosto passado e louvou o sucesso da Cúpula do Conselho de Segurança das Nações Unidas de 2009 sobre a não proliferação nuclear e o desarmamento. Reivindicou ainda a convocação periódica dessas cúpulas, iniciada este ano, como impulso político a favor de um mundo livre dessas armas assassinas. Faz anos que peço, sem desanimar, a realização periódica desse tipo de cúpula e ofereço todo o meu apoio à proposta do secretário-geral. Proponho ainda que as cúpulas não se restrinjam apenas aos membros do Conselho de Segurança: sejam abertas à participação de Estados que optaram por abandonar suas armas ou programas e que os especialistas nesse campo e os representantes de organizações não governamentais também tenham a oportunidade de opinião. (IKEDA, 2011, p. 19)

Nesse aspecto, Ikeda novamente sugere que Hiroshima e Nagasaki sediarem uma Conferência de Análise do Tratado de Não-proliferação Nuclear (TNP) no ano de 2015, e que este encontro internacional sirva como uma cúpula visando a abolição nuclear, tendo em vista o passado destas duas cidades vítimas da era bélica nuclear.

Defendo que as cidades de Hiroshima e Nagasaki sejam a sede da Conferência de Revisão do TNP. E que essa conferência reúna líderes de nações, mas também representantes da sociedade civil mundial, caracterizada como verdadeira cúpula pelo fim da era nuclear. (IKEDA, 2011, p. 20)

O autor propõe uma ampla discussão para que o Tratado de Interdição Completa de Ensaios Nucleares (CTBT)⁵¹ entre completamente em vigor, e sugere uma série de iniciativas bilaterais, regionais e multilaterais entre os Estados que

⁵¹ O Tratado de Interdição Completa de Ensaios Nucleares (CTBT) proíbe todo tipo de teste nuclear. Adotado pela Assembleia Geral da ONU em setembro de 1996, não entrou em vigor porque não foi assinado pelos 44 países que têm arsenais ou reatores nucleares. EUA, Reino Unido, França, Rússia e China assinaram o acordo, mas EUA e China não o ratificaram.

ainda se recusam a aderir tal tratado, entre os quais os do Oriente Médio que se comprometam mutuamente a ratificar o tratado, e também propõe uma medida similar para viabilizar a remoção de armas nucleares do nordeste da Ásia, incluindo China, Índia e Paquistão.

O Tratado de Interdição Completa de Ensaio Nucleares (CTBT), em inglês *Comprehensive Nuclear Test Ban Treaty* proíbe qualquer tipo de teste e explosões nucleares, tanto militares quanto civil, entre os países detentores de tecnologia e desenvolvimento nucleares, e começou a ser assinado em 1996 e atualmente conta com 71 países signatários.

Creio que os Estados sem armas nucleares e as organizações da sociedade civil devem trabalhar de mãos dadas para encorajar aqueles países que ainda não ratificaram o tratado. Além da proibição dos testes nucleares, a efetivação do CTBT alcançaria três grandes resultados: 1. Ao englobar aqueles países ainda não partidários, o TNP será efetivamente universal; 2. Expressa o desejo da sociedade internacional de proibir para sempre a realização de testes nucleares, fortalecendo os fundamentos psicológicos para a abolição dessas armas; e 3. A existência de um sistema global de monitoração e inspeção do cumprimento, administrado pela organização do tratado (CTBTO), proverá um modelo institucional para uma Convenção sobre Armas Nucleares. A NWC ganhará uma perspectiva mais realista na mente das pessoas. (IKEDA, 2011, p. 20-21)

Na proposta de paz de 2011, Ikeda ressalta que uma convenção internacional para a abolição das armas nucleares poderia representar uma transformação qualitativa das normas internacionais vigentes e que seja debatida e formulada entre os Estados, garantindo o direito de existência da humanidade expressando o desejo dos povos do mundo para uma coexistência pacífica.

Até hoje, aqueles que clamam pela proibição de armas nucleares ou por sua abolição, têm tratado o assunto a partir de duas perspectivas. A primeira incide na natureza desumana das armas nucleares; a segunda, nos perigos práticos que apresentam, em função de novas formas de proliferação e reprodução. (IKEDA, 2011, p. 25)

Retomando o aspecto educacional para o desenvolvimento de uma cultura para a paz e na defesa dos direitos humanos, Ikeda ressalta que os direitos humanos não passaram a existir por tratados ou leis, mas através de esforços de pessoas comuns para corrigir as injustiças que experimentam.

É necessário compreender que a simples codificação dos direitos humanos em lei não significa que eles serão cumpridos. A fonte espiritual que apoia a lei está na conquista desses direitos. Sua irradiação está nas gerações de indivíduos corajosos que aceitaram o desafio de expandi-los como herdeiros do seu espírito. É a linha mestra para plantar a dignidade da vida, em sintonia com a percepção do Budismo à qual me referi anteriormente: “A Lei não se propaga por si só: como são as pessoas que a propagam, tanto as pessoas como a Lei são dignas de respeito”. Para o Budismo, todas as pessoas são essencialmente iguais, são seres vivos, têm valor e dignidade supremos. É por meio da ação que a dignidade se manifesta. (IKEDA, 2011, p. 28)

Ikeda expressa seu apoio por esforços, centralizado nas ONU, para promover a educação quanto aos direitos humanos e a promoção da paz entre os povos, e para tanto, propõe o fortalecimento dos órgãos consultores dentro do sistema da ONU, criando uma cultura de defesa dos direitos humanos e da coexistência e cooperação mútua entre os povos.

(...) Minha segunda proposta é o fortalecimento de esforços regionais coordenados pela educação em direitos humanos, sobretudo para a juventude. O Ano Internacional da Juventude foi instituído pelas Nações Unidas para encorajar os jovens a “devotar energia, entusiasmo e criatividade” à resolução dos problemas que a humanidade enfrenta. Como nos exemplos de Mahatma Gandhi e do Dr. Martin Luther King Jr., ambos já ativistas por volta dos 20 anos, muitas lutas pelos direitos humanos foram iniciadas e continuadas graças à força e à paixão da juventude. A importância do papel dos jovens em desafiar as realidades sociais aparentemente intratáveis e pela criação de uma nova era não pode ser desvalorizada (...) O movimento da SGI procura despertar no íntimo de cada pessoa o contentamento resultante de uma transformação. No campo da educação em direitos humanos, nosso objetivo é permitir aos indivíduos viver os ideais dos direitos civis no seu dia a dia. (IKEDA, 2011, p. 31)

Como visto, na Proposta de Paz de 2011, Ikeda propõe que a sociedade civil comece a participar ativamente das questões que envolvem a defesa dos direitos humanos e na luta para a abolição das armas nucleares. Noutro ponto, o autor destaca a necessidade da educação de jovens para que desenvolvam uma capacidade de enfrentamento aos desafios que surgirão as novas gerações, entre as quais a constante defesa dos direitos humanos e um espírito de coexistência pacífica entre os diferentes povos e culturas.

3.3. Proposta de Paz do ano de 2012: *Segurança Humana e Sustentabilidade – compartilhar o respeito pela dignidade da vida.*

No ano de 2012 a proposta de paz divulgada por Ikeda trata especialmente sobre o meio ambiente tendo em vista a realização da Rio+20 em junho daquele ano no Rio de Janeiro.

O tema da proposta foi *Segurança Humana e Sustentabilidade: compartilhar o respeito pela dignidade da vida.*

Ikeda de início trata do que chama de perigos da privação repentina, causadas pelas ameaças imprevistas como os desastres naturais e os conflitos provenientes das crises econômicas ou até mesmo da degradação ambiental provocada pelas mudanças climáticas.

Infelizmente, nosso planeta vive assolado por guerras e conflitos civis. As pessoas ao redor do mundo têm a vida e a própria dignidade ameaçadas pela pobreza, fome e a destruição ambiental. Cresce a discriminação e a violação dos direitos humanos. Além disso, terríveis desastres naturais, de um instante para outro, eliminam a vida das pessoas e enfraquecem as bases da sociedade. Nos últimos anos, sucedeu-se uma série das maiores catástrofes naturais, impondo um terrível ônus à humanidade: terremotos e tsunamis no Oceano Índico, em 2004, e no Japão em março do ano passado; terremotos no Haiti, na Nova Zelândia e na Turquia; inundações fatais na Tailândia e nas Filipinas; e uma severa seca na Somália e em grande parte da África.⁵²

Na proposta de paz de 2012 o autor diz que é da natureza dos desastres aniquilar o que é mais precioso, ou seja, a vida, em todas as suas formas, e que as pessoas devem saber responder rapidamente aos que estão sofrendo, por isto, quando ocorrem tais catástrofes a sociedade como um todo deve estar preparada para ajudar e a oferecer o apoio, inclusive em longo prazo, reestabelecendo os meios de subsistência e dignidade para com aqueles que foram vítimas destas catástrofes.

Os desastres naturais não surgem somente de fenômenos imprevisíveis: eles também nascem de crises econômicas que geram crescente insegurança na vida das pessoas e da rápida degradação do meio ambiente, originada por alterações climáticas. Tudo isso afeta países desenvolvidos e em desenvolvimento (...) Como o problema das mudanças

⁵² Proposta de Paz do Ano de 2012: *Segurança Humana e Sustentabilidade: compartilhar o respeito pela dignidade da vida.* Disponível em: <http://www.culturadepaz.org.br/media/propostas/proposta_paz2012.pdf>

climáticas demonstra, neste mundo cada vez mais interdependente, uma catástrofe em determinado lugar pode parecer um fato isolado, mas na verdade contém o potencial de maiores danos em escala global. (IKEDA, 2012, p. 3)

Ikeda, invocando seus ideais budistas, afirma que a posição filosófica de maior prioridade de um Estado deve ser o bem-estar e a segurança de seu povo, com uma visão de mundo interconectada entre os diferentes povos, e que o empoderamento das pessoas por meio do diálogo fará nascer uma preocupação compartilhada entre os Estados para a manutenção do bem-estar social.

Para Ikeda este empoderamento das pessoas através do diálogo se torna relevante para o ressurgimento da natureza boa do ser humano, somado ao sentimento de equilíbrio mental e da saúde, o que o autor chama de “a recuperação do coração”.

O espírito do empoderamento encontra-se no ato cuidadoso de assoprar a “brasa que resta” na alma humana, tanto daqueles que nos apoiam como dos que estão contra. Acredito que a fé e a perseverança são a força motriz das lutas de Mahatma Gandhi (1869-1948) e de Martin Luther King Jr. (1929-1968) pelos direitos humanos. E daqueles que lideraram as revoluções populares do leste europeu que pôs fim à guerra fria e, mais recentemente, do movimento conhecido como a “Primavera Árabe”. Durante os sombrios anos dos confrontos da guerra fria, visitei países comunistas — a antiga União Soviética, a China — para realizar intercâmbios com o objetivo de amenizar as tensões e aprofundar a compreensão mútua. Empenho-me também para dialogar com líderes políticos e intelectuais do mundo de várias culturas e religiões. Estes esforços para promover a amizade, atravessando fronteiras, são frutos da convicção de que a única base duradoura para uma sociedade mundial pacífica reside na transformação do coração de cada indivíduo. Isso só poderá ser alcançado com um diálogo que desperte em cada um de nós a nossa humanidade. (IKEDA, 2012, p. 12)

Nesta proposta Ikeda aponta três grandes desafios para a humanidade: os desastres naturais, a degradação ambiental e pobreza, e claro, as armas nucleares. Estes desafios serão as ameaças das futuras gerações, caso não sejam contidos, além dos encargos que tendem a aumentar quanto mais for demorada a contenção. Assim, o humanismo, a defesa dos direitos humanos e a sustentabilidade precisam ser os elementos centrais de uma visão positiva para o futuro das novas gerações.

Considerando as perspectivas da Dra. Boulding⁵³, proponho os valores do humanismo, dos direitos humanos e da sustentabilidade como elementos indispensáveis de qualquer visão de futuro da humanidade. Em termos concretos, esta é a visão de: um mundo que se recusa a esquecer a tragédia humana ocorrida em qualquer lugar se une em solidariedade para superar as ameaças; um mundo fundamentado no empoderamento dos indivíduos prioriza a garantia da dignidade e o direito de conviver em paz; um mundo que se recorda das lições do passado e não permite que gerações futuras herdem o legado negativo da história humana e põe toda a sua energia na transformação desse legado. (IKEDA, 2012, p. 17)

Em suma, para o autor, um mundo que as pessoas se recusam a esquecer qualquer tragédia humana saberá superar as ameaças, e o mundo que se tem como base o empoderamento dos indivíduos dará prioridade à garantia e à dignidade e ao direito de todos viverem em paz, e ainda, num mundo que se recorda do passado não permite que gerações futuras herdem o legado negativo da história e direciona sua energia vital para um mundo de paz e humanismo.

Em relação à redução do risco de desastres, Ikeda propõe que é preciso criar uma cultura de direitos humanos que defenda a dignidade das pessoas atingidas por desastres, ameaças e injustiça social, e que seja vital conferir poder as pessoas para que transforme as próprias circunstâncias, priorizando o empoderamento das mulheres.

Neste aspecto, Ikeda mais uma vez aponta o fortalecimento das agências e órgãos da ONU, entre os quais o ACNUR, quando se trata de apoio às pessoas vítimas de desastres.

Proponho que as atividades de ajuda humanitária às vítimas das catástrofes, que até agora foram tratadas, caso a caso, pelo ACNUR, sejam oficialmente incluídas entre os deveres do Alto Comissariado. Ao longo de sua história, o ACNUR vem ampliando o leque de beneficiários e de competências de suas atividades. Além de seu mandato original de proteção aos refugiados, agora é responsável pela ajuda humanitária dedicada aos refugiados internacionais e populações afetadas pela guerra. O ACNUR responde ainda pela proteção daqueles que requerem asilo político e dos apátridas. (IKEDA, 2012, p. 19)

Sobre o empoderamento da mulher, Ikeda trata de forma especial tal ideia, ao afirmar que as mulheres suportam um fardo desproporcional de privações resultantes de catástrofes, e são as mulheres, muitas vezes, expostas a ameaças mais graves. Para o autor, elas devem ser consideradas como efetivos agentes da

⁵³ Elsie Boulding (1920–2010), pioneira da cultura de paz.

mudança, e que se deve dar maior reconhecimento de seus potenciais papéis na resolução e prevenção de conflitos para a construção da paz.

A mulher deve ser imoderada como agente de mudança eficaz nas áreas de prevenção do risco de desastres, recuperação e reconstrução. Suas capacidades devem ser reconhecidas para resolução de conflitos, prevenção e construção de uma cultura de paz. É intolerável que a mulher continue a suportar o fardo mais pesado. A SGI trabalha pela conscientização do papel central da mulher para uma cultura de paz, e promove, localmente, maior consciência sobre as contribuições da mulher em relação às catástrofes. (IKEDA, 2012, p. 23)

Nesta mesma proposta Ikeda trata em uma parte especial sobre o desenvolvimento sustentável, tendo em vista que naquele ano de 2012, no mês de junho, seria realizada a Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável, conhecida como Rio+20, e enfatiza a necessidade do estabelecimento de metas para o desenvolvimento sustentável e seu cumprimento e adesão.

O que é a sustentabilidade? Em termos bem simples, penso que possa ser descrita assim: um modo de vida em que a conquista da minha felicidade não custe o sacrifício de outro; a determinação de não deixar para a próxima geração a nossa comunidade e o nosso planeta mais danificados do que eram quando chegamos. Uma sociedade sustentável é aquela cujo futuro não seja prejudicado pelas necessidades momentâneas do presente, mas onde as melhores escolhas sejam determinadas pelos interesses dos nossos filhos e netos. (IKEDA, 2012, p. 24)

O autor afirma que é inaceitável que a busca por sustentabilidade seja considerada simplesmente uma questão de ajuste de políticas, visando encontrar um melhor equilíbrio entre os imperativos econômicos e ecológicos. Para Ikeda a sustentabilidade deve ser compreendida como um desafio e um compromisso de dedicação de todos, visando construir uma sociedade que prioriza a dignidade da vida.

Ainda sobre o tema voltado ao desenvolvimento sustentável, Ikeda propõe e retoma a necessidade de uma reforma institucional abrangente das agências das Nações Unidas, inclusive as responsáveis pelo desenvolvimento e proteção ambiental, e a consolidação do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (UNDP) e do Programa Ambiental das Nações Unidas (UNEP), além da participação maior das ONG's integradas para o desenvolvimento sustentável.

Em 2011, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) organizou uma conferência de jovens em Bandung, na Indonésia, que aprovou uma declaração sobre a economia verde: “Numa estrutura integrada verdadeiramente sustentável, o bem-estar, a igualdade social e a proteção ambiental têm o mesmo peso”. Estou inspirado com a esperança e o senso de responsabilidade desses jovens. Gostaria da aprovação de metas comuns para um futuro sustentável como continuação dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), que vão até 2015. A “versão zero” da Conferência Rio+20, resumo das declarações apresentadas aos organizadores da Conferência, refere-se à necessidade dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Espero que todos os participantes desta deliberação se pautem pelos desafios que a humanidade enfrenta. Até hoje, a sociedade internacional trabalha para a realização dos ODM, que incluem metas como a redução da miséria e da fome. Os ODM ajudaram a conduzir esforços para amenizar as desigualdades que já mencionei. Atualmente, há muitos pedidos de um novo conjunto de metas a partir de 2015. Apoio com entusiasmo a tentativa de se estabelecer esses objetivos e espero vê-los dando continuidade ao espírito dos ODM de atenuar as distorções em nossa sociedade global geradas pela pobreza e pelas disparidades de renda. Devem também envolver uma gama completa de questões sobre segurança humana que nenhum país discordaria e, desta forma, unir as pessoas num empreendimento comum da humanidade no século 21. Para este fim, proponho que a Conferência Rio+20 estabeleça um grupo de trabalho para estudar estes objetivos e inicie um diálogo. Os dois conceitos-chave dessa tarefa são a segurança humana e a sustentabilidade. (IKEDA, 2012, p. 24-25)

A visão de Ikeda sobre a humanidade é sempre de esperança, pois para ele o “potencial humano é infinito”, e ressalta a capacidade das pessoas de criarem valores humanos e saudáveis e que geram valores positivos e de compartilhamento com o mundo e com o futuro.

Ainda na proposta de 2012, Ikeda também trata da energia sustentável como uma questão chave que a humanidade precisa enfrentar. Ele relembra o desastre nuclear na Usina de Fukushima, logo após o terremoto devastador e o *tsunami* que atingiram aquela região do Japão em março de 2011. Ikeda propõe uma rápida transição, urgente e necessária, para uma política energética que não dependa de energia nuclear.

O acidente na Usina Nuclear de Fukushima, que se seguiu ao terremoto e ao tsunami de 2011, compete com o acidente de Three Mile Island, de 1979, e o desastre de Chernobyl, de 1986, em termos de alcance e gravidade. A situação ainda não foi totalmente controlada, e não há planos de armazenamento dos produtos do solo e dos resíduos expostos à contaminação radioativa. É uma ameaça permanente à vida de muitas pessoas. (IKEDA, 2012, p. 26)

Para Ikeda a Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) deve desempenhar um papel central na resposta aos acidentes em usinas nucleares, com o desmantelamento das centrais nucleares obsoletas e na manipulação da etapa final de ciclo do combustível nuclear.

A Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) concentra esforços na área de pesquisa e desenvolvimento do uso “pacífico” da energia nuclear, dando assistência às usinas nucleares e ao intercâmbio de informação científica e know-how tecnológico, e impedindo o desvio de materiais e tecnologias para fins bélicos. Diante da situação da produção de energia nuclear — trazida à tona pelo acidente de Fukushima —, é imperativo que, além de suas responsabilidades, a AIEA assuma a liderança na promoção da cooperação internacional quanto à fase final do ciclo do combustível nuclear. A AIEA deve ainda exercer o papel central no socorro aos danos provocados pelos acidentes em usinas e para a desativação das centrais nucleares obsoletas. (IKEDA, 2012, p. 27)

Ikeda conclui que a luta pela paz, assim como a defesa dos direitos humanos e pela humanidade em si deve ser pensada como um trabalho para gerar um fluxo ininterrupto desse compromisso a ser transmitido de uma geração para a outra.

3.4. Proposta de Paz do ano de 2013: *Compaixão, sabedoria e coragem – para a humanidade viver em paz.*

Na sua 31ª Proposta de Paz Anual intitulada *Compaixão, sabedoria e coragem: para a humanidade viver em paz*, Daisaku Ikeda enfatiza a importância da dignidade da vida e retoma a necessidade de ações relativas para abolição das armas nucleares, além da necessidade de tratar a pobreza como uma questão de direitos humanos, e ainda, propõe a melhoria do diálogo sino-japonês, para a manutenção da paz na Ásia.

Nesta proposta Ikeda trata sobre o respeito pela dignidade da vida humana, e para que isto se torne realidade ele aponta que as pessoas devem compartilhar suas alegrias e tristezas, devem ter fé nas boas possibilidades da vida e celebrar a diversidade cultural de forma constante. Ikeda enfatiza que o diálogo e a autorreflexão são meios de se desenvolver a empatia de pessoa a pessoa, e assim promover a cultura de paz entre os povos.

Em outras palavras, nosso empenho para melhorar a qualidade da condição humana deve ir além de medidas paliativas. O principal é dar aos que lutam diante de terríveis ameaças a esperança e a força necessárias para viver com dignidade. Este é o nosso maior desafio: transformar a história da destruição em construção, a do confronto em convivência, a da divisão em solidariedade.⁵⁴

Ikeda realça a natureza múltipla da identidade humana e que sempre existe a possibilidade de encontrar nas relações humanas interpessoais os pontos de convergência e interesses mútuos.

Imaginemos a sociedade mundial pacífica e de convivência criadora como um edifício. Os princípios da segurança e dos direitos humanos seriam as colunas fundamentais que o sustentam. O respeito pela dignidade da vida seria seu alicerce. Se a sua base for apenas de conceitos abstratos, a estrutura inteira se desequilibra e pode até desabar se atingida por uma crise mundial. Para que o respeito à dignidade da vida seja o fundamento de um esforço contínuo é necessário que as pessoas do mundo inteiro sintam e vivam esse respeito de maneira palpável, em seu próprio modo cotidiano de ser e viver. (IKEDA, 2013, p. 9)

Outro ponto lembrado por Ikeda em sua proposta de paz do ano de 2013 é a passagem do 65º aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos, e com isto ele clama por uma atenção especial para a pobreza como questão de direitos humanos. O autor sugere a implementação de um departamento na ONU focado em proteção social, e que em todos os países das Nações Unidas sigam o mesmo exemplo, para que o mundo consiga permitir que as pessoas que vivem em extrema pobreza recuperem sua dignidade.

A pobreza não é uma desgraça limitada a países em desenvolvimento. Sociedades prósperas também padecem de exclusão social e desigualdade econômica (...). Na prática, a privação econômica transforma toda atividade cotidiana em fontes propensas ao perigo. Fenômeno social que se agrava na medida em que as pessoas sentem a sua existência subestimada, marginalizada e inútil, sem papel nem lugar na sociedade. (IKEDA, 2012, p. 11)

Novamente Ikeda ressalta a importância da educação desde jovem para que as pessoas compreendam a importância e o respeito pela dignidade da vida humana e na promoção e defesa dos direitos humanos em escala global.

⁵⁴ Proposta de Paz do ano de 2013: *Compaixão, sabedoria e coragem: para a humanidade viver em paz*. Disponível em: <http://www.culturadepaz.org.br/media/propostas/proposta_paz2013.pdf>

Em setembro do ano passado, a SGI, a Associação para Educação em Direitos Humanos (HREA) e o Escritório do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (EACDH) lançaram, em parceria, o DVD Um Caminho para a Dignidade: O Poder da Educação em Direitos Humanos, para ampla divulgação dos ideais e princípios da Declaração das Nações Unidas sobre Educação e Treinamento em Direitos Humanos, aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em dezembro de 2011(...). É de fato um exemplo valioso de educação prática dos direitos humanos. No sorriso de uma mulher, que recuperou a força para viver, vemos o calor da esperança e do poder da autoconfiança, que surgem ao nos tornarmos plenamente conscientes de nossa própria grandeza. (IKEDA, 2013, p. 14)

Em outro ponto da proposta, Ikeda destaca a relação entre China e Japão, e relembra que ele foi um dos primeiros a reestabelecer o diálogo entre as duas nações no pós Segunda Guerra. O autor lamenta a deterioração das relações de paz e amizade estremecidas no ano de 2013 por causa da disputa por ilhotas entre os dois países no mar da China.

O ano passado marcou o quadragésimo aniversário da restauração das relações diplomáticas sino-japonesas. No entanto, uma série de eventos e de intercâmbios comemorativos dessa data foram cancelados ou adiados em razão de crescentes atritos. As relações entre os dois países se deterioraram após a Segunda Guerra Mundial e as relações econômicas esfriaram significativamente. (IKEDA, 2013, p. 14)

Vale rememorar que um importante marco da Soka Gakkai ocorreu em 08 de setembro de 1968, quando Ikeda apresentou uma proposta diplomática para reatar as relações diplomáticas sino-japonesas, rompidas durante a Segunda Guerra Mundial, justamente numa época em que a Guerra Fria estava iminentemente agressiva.

Quando clamei pela normalização das relações diplomáticas sino-japonesas em setembro de 1968, era quase impensável, no Japão, sequer mencionar a possibilidade de amizade com a China. A situação era ainda mais grave do que hoje. Mas minha crença era de que o Japão não teria futuro sem a amizade de seus vizinhos e que laços estáveis e harmoniosos com a China seriam essenciais para a Ásia e o mundo avançarem no caminho para a paz. Em 1972, as relações diplomáticas afinal foram normalizadas. Seis anos depois daquele meu pedido inicial, em dezembro de 1974, pude visitar Pequim e me encontrar com o premiê chinês, Zhou Enlai (1898—1976) e o vice-premiê Deng Xiaoping (1904—1997). (IKEDA, 2013, p. 39)

Ikeda ressalta que por mais de 45 anos tanto ele quanto a SGI trabalharam arduamente para as boas relações diplomáticas sino-japonesas, nesse sentido, em sua proposta de paz, ele convoca os dois países para que voltem e reafirmem seus compromissos firmados no Tratado de Paz e Amizade de 1978, em especial, ao ponto de que os dois países sem abstenham do uso ou da ameaça de uso da força e de não buscarem a hegemonia regional na Ásia.

Ainda sobre o ponto da relação entre China e Japão, Ikeda propõe a realização de um fórum de alto nível diplomático entre as duas nações, visando a suspensão de ações inamistosas. Os esforços devem ser para analisarem de maneira franca e justa as raízes dos desentendimentos, identificando as preocupações e as aspirações de cada país. Ikeda afirma que a confiança entre China e Japão deve ser reestabelecida através do diálogo e de esforços conjuntos para solução de problemas em comum.

Incentivo vividamente o Japão e a China a reafirmar o seu compromisso de defesa das duas promessas do Tratado de Paz e Amizade e criar um fórum de alto nível para um diálogo destinado a impedir a deterioração das relações. A primeira ordem de trabalhos para esse fórum deve instituir uma moratória sobre todas as ações interpretadas como provocadoras. Deve-se seguir uma análise minuciosa dos passos de evolução do confronto — como as ações foram percebidas e as reações foram provocadas. Isso facilitaria o desenvolvimento de diretrizes para respostas mais eficazes em caso de futuras crises. Sem dúvida, algumas nítidas diferenças de opinião poderão surgir, mas se decidirmos enfrentar a divergência nos mesmos termos, então a esperança de restauração das relações amistosas entre os dois países — para maior estabilidade na Ásia e por um mundo de paz — continuará sendo uma ilusão (...) Quanto mais difícil a situação, mais necessário é o diálogo coerente, comprometido em manter a paz e a convivência criadora. O diálogo caloroso e sério pode revelar emoções — cuidados, preocupações, interesses — que sustentam as posições de cada lado. Dentro desta realidade, proponho que a China e o Japão instituem a prática regular de reuniões de cúpula. (IKEDA, 2013, p. 40)

Na proposta de paz de 2013, Ikeda retoma as questões ambientais e de desenvolvimento sustentável, e aproveitando o momento para o reestabelecimento do diálogo sino-japonês ele sugere que os dois países criem uma organização para cooperação ambiental no leste da Ásia, incluindo as ilhas que estão em disputa, para que ambos os países possam atuar conjuntamente na defesa do meio ambiente e sustentabilidade, criando oportunidades para que os jovens da China e do Japão possam trabalhar juntos por um objetivo em comum, ou seja, a defesa do meio ambiente e a promoção da paz e do diálogo entre os dois povos.

Sugiro que o Japão e a China fundem em conjunto uma organização para a cooperação ambiental na Ásia Oriental. Seria um objetivo provisório para 2015 e assentaria as bases de uma nova parceria voltada para a paz e a convivência criadora e de uma ação conjunta para o bem da humanidade. A melhoria das condições ambientais beneficiaria os dois países. Esta nova organização criaria oportunidades para que os jovens da China e do Japão trabalhem juntos com um objetivo comum. E ainda estabeleceria um padrão de contribuição conjunta para a paz e estabilidade do leste da Ásia e da criação de uma sociedade mundial sustentável. (IKEDA, 2013, p. 42)

Nesta proposta, a de 2013, a preocupação central de Ikeda é com a pobreza extrema que assola o mundo. O autor enfatiza a necessidade de que as pessoas e os líderes mundiais comecem a tratar sobre essa mazela como uma questão de direitos humanos, ou seja, eliminar a pobreza e a miséria é defender e promover os direitos humanos, através de políticas de proteção social aos necessitados. A dignidade da vida também está relacionada com o fim da miséria, e esta mudança de postura e de comportamento também passa pela educação dos jovens para que se conscientizem da importância da defesa dos direitos humanos.

3.5. Proposta de Paz do ano de 2014: *Criação de Valores Humanos – a construção de um mundo solidário.*

Na proposta de paz anual divulgada por Ikeda no ano de 2014 ele enfatiza o aumento da cooperação regional como resposta aos eventos climáticos extremos e desastres naturais, além de propor novamente um programa completo de educação global e a realização de um encontro pela abolição das armas nucleares em Hiroshima e Nagasaki para o ano de 2015.

Na proposta de paz intitulada de “*Criação de Valores Humanos: a construção de um mundo solidário*”, Ikeda inicia suas análises sobre a necessidade de aumentar a capacidade de recuperação global em relação aos desastres naturais relacionados as mudanças climáticas, propondo a criação de valores humanos positivos e o fortalecimento da solidariedade humana como forma de ajudar os povos vítimas de choques naturais e deslocamentos súbitos causados pelo clima.

Pessoas expostas a calamidades — perigos imprevistos, desastres naturais, crises econômicas ou ameaças persistentes, opressão política, violação dos direitos humanos — correm o risco de sucumbir ao desespero levadas pelo terror, a tristeza ou a dor. No entanto, se abrimos mão da

esperança e nos deixamos estagnar pela impotência, não só permitimos que os problemas persistam, como contribuímos, inadvertidos, para que proliferem em outros lugares (...).⁵⁵

Ikeda propõe a integração de prevenções e de recuperação pós-desastres naturais, para que as pessoas estejam melhores equipadas para aguentar em situações caóticas, e também que consigam melhor ajudar as outras vítimas.

Creio que o trabalho em comunidades, voluntariados e em ONGs, ou o simples fato de pessoas infelizes se aproximarem de outras que sofrem, pode gerar uma onda de alegria. Fortalecidos pelo diálogo, esses esforços impulsionam a criação de uma sociedade em que a dignidade de cada pessoa se manifeste plenamente (...). O ponto central que faz a diferença na resolução das dificuldades vividas por nós e por toda a humanidade reside na alegria da solidariedade. O desafio que está à nossa frente consiste em descobrirmos formas solidárias de criar valores. (IKEDA, 2014, p. 20)

Além disto, Ikeda propôs que o fortalecimento da cooperação regional entre os países asiáticos atingidos por mudanças climáticas e desastres naturais poderá aumentar a compreensão mútua e redefinir os meios de segurança ambiental e prevenção, e assim sugere a criação de um acordo de recuperação e resistência entre os países asiáticos para amenizar as situações de calamidade causadas por estes desastres ambientais oriundos das mudanças climáticas.

O verdadeiro significado de uma cultura de direitos humanos não se esgota no ato de coibir atitudes que resultam nos males sociais. Reside na construção de uma sociedade em que cada pessoa revela benevolência interior e trabalha pela proteção dos direitos de todos (...). Peço que a iniciativa desta cooperação local venha da Ásia, região severamente afetada por catástrofes. Seu modelo inspira ações solidárias de recuperação em outras regiões. A base para isso já existe: o Fórum Regional da ANSEA [Associação de Nações do Sudeste Asiático], que contou com a participação dos países que compõem a ANSEA e também da China, Japão, Coreia do Norte e Coreia do Sul. (...) Importante caminho para a prevenção de catástrofes é o intercâmbio de vida a vida e a cooperação entre os órgãos governamentais em vários países com acordos entre cidades-irmãs. Que Japão, China e Coreia do Sul se fortaleçam mutuamente na prática dessas relações entre cidades-irmãs (...). Os laços de amizade e de confiança ganham mais valor com a ajuda de todos ao crescimento da resiliência, que inclui a prevenção e o cuidado às vítimas dos desastres. Os jovens devem assumir a liderança dessas ações. Trocas e cooperação entre cidades-irmãs evoluem para a conexão de cidades além das fronteiras de cada país, criando espaços de convivência pacífica em toda a região. (IKEDA, 2014, p. 25)

⁵⁵ Proposta de Paz do Ano de 2014: *Criação de Valores Humanos: a construção de um mundo solidário*. Disponível em: <http://www.culturadepaz.org.br/media/propostas/proposta_paz2014.pdf>

O autor da proposta de paz também sugere um foco na educação ambiental voltada para os jovens para que comecem a compreender os desafios que a humanidade poderá enfrentar em relação às mudanças climáticas, explorando suas causas e assim criar soluções práticas para que os problemas ambientais sejam resolvidos. Também sugere que as pessoas saibam monitorar os sinais dos fenômenos globais para que as pessoas possam responder e agir de forma mais ágil, amenizando o sofrimento, além de estimular nos jovens um espírito de coexistência mútua e pacífica entre os países vizinhos que vierem a sofrer com as catástrofes climáticas.

A educação é a principal fonte de empoderamento que capacita as pessoas a abraçar este desafio. Quando me encontrei com Nelson Mandela em Tóquio, outubro de 1990, nós nos concentramos na educação e no desenvolvimento dos jovens como os temas mais importantes para a construção de uma nova era. Mandela, libertado da prisão em fevereiro daquele ano, acreditava que uma nova África do Sul seria construída sobre os alicerces da educação. Expressei que estava absolutamente de acordo com a interpretação de que a educação é o motor do desenvolvimento de um país, que se prolonga por muitos séculos. Este intercâmbio permitiu o aprofundamento da nossa convicção de que a educação é a fonte de luz que revela a dignidade das pessoas. A educação é a chave para o futuro não só de uma nação, mas de toda a humanidade. O presidente Mandela foi capaz de suportar mais de 27 anos na prisão porque não parou de se educar, sonhando com o fim do conflito, para a criação de uma sociedade humana de paz e convivência harmoniosa (...). Sugiro três elementos-chave como fundamentos de um programa educacional para a cidadania global: Aprofundar a compreensão dos desafios da humanidade. Permitir que as pessoas conheçam as suas causas. Incutir a confiança na certeza de que problemas humanos pedem soluções humanas; Identificar os primeiros indícios das questões mundiais iminentes em fenômenos locais, desenvolver a sensibilidade para estes sinais e capacitar as pessoas para uma ação organizada; e Valorizar a empatia e a consciência de que ações que visam apenas ao lucro de uma nação podem ser vistas por outros países como ameaça, dando margens a um acordo contra a procura da felicidade e prosperidade de si mesmo à custa dos outros. (IKEDA, 2014, p. 26)

Nesta mesma proposta de paz, Ikeda retoma o debate sobre a abolição total das armas nucleares.

O terceiro tema que a minha perseverança obriga a tratar é a proibição e eliminação das armas abomináveis. Embora seja possível diminuir o impacto das catástrofes naturais, como tremores de terra e tsunamis, é impossível evitar a sua ocorrência. Ocorre exatamente o contrário com a ameaça dessas armas maléficas cuja utilização causaria devastação incomparavelmente maiores que as catástrofes naturais e que só podem ser evitadas e até mesmo eliminadas por vontade política dos governantes (...)

As armas nucleares, com o poder de aniquilar populações desarmadas, estão do outro lado de uma fronteira que não deve ser cruzada. Conforme Josei Toda denunciou, veemente, é inadmissível infligir essa desgraça a qualquer ser humano. O reconhecimento desta certeza é a chave que enterra a ideia do uso dessas armas para garantir a segurança nacional. (IKEDA, 2014, p. 37)

Ele reiterou que no ano de 2015, alusivo ao 70º aniversário do bombardeio nuclear de Hiroshima e Nagasaki, seria uma oportunidade vital para a realização de uma conferência para discutir a abolição e eliminação de armas nucleares. Ikeda clamou por mais ações focadas para livrar o mundo destas armas e elogiou a declaração do secretário geral da ONU, Ban Ki-moon, sobre as consequências humanitárias catastróficas de qualquer detonação de armas nucleares, declaração esta feita em outubro de 2013 perante a Assembleia Geral das Nações Unidas.

Já propôs várias vezes, a realização em Hiroshima e Nagasaki de uma cúpula pela abolição nuclear, em 2015, ano que marca os 70 anos dos perversos bombardeios das cidades. Na reunião, que traria pessoas de todo o mundo, de qualquer nacionalidade ou posição política, seria assumido um compromisso unânime, com medidas que nos levariam a um mundo livre de armas nucleares. (IKEDA, 2014, p. 41)

Ikeda propôs um “*Forum for peace*” (fórum para a paz) especificamente voltado para a juventude, a ser realizado em 2015, junto a eventual conferência proposta para ocorrer em Hiroshima/Nagasaki, para que as novas gerações sejam incentivadas a livrar o mundo destas armas nucleares ultrapassadas e desestabilizadoras.

Espero que os representantes dos países que assinaram a declaração conjunta da sociedade civil e, sobretudo os jovens cidadãos de todo o mundo, incluindo os de Estados detentores de armas nucleares, se reúnam numa cúpula mundial de jovens pela abolição destas armas malignas, para aprovação de um documento que confirme o compromisso de todos pelo fim da era nuclear. A realização da cúpula e a assinatura do documento plantariam coragem para ações efetivas no futuro. (IKEDA, 2014, p. 41)

A Conferência de Revisão do Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP), prevista para 2015⁵⁶ seria uma excelente oportunidade para tal congresso, com a realização de uma cúpula para abolição das armas nucleares que marcaria o início do efetivo fim da era nuclear.

Minha segunda proposta específica é utilizarmos o processo das declarações conjuntas sobre o terrível impacto das armas nucleares para a humanidade para comover a opinião pública internacional e acelerar as negociações para a sua abolição total. É preciso que essas ações sejam simultâneas aos esforços do TNP, servindo à sua missão. Há dois anos, em outra Proposta de Paz, desenvolvi a possibilidade de uma abordagem em duas fases: a primeira seria a proibição de armas nucleares, a segunda, a sua abolição. Poderia assumir a forma de um tratado que expressasse o compromisso, elaborado à luz das consequências do uso de armas atômicas, de futura renúncia à dependência desses armamentos como garantia de segurança, acompanhado de protocolos separados e rigorosos, para a entrada em vigor do tratado, definição de regimes de proibição e verificação concreta de cumprimento. Uma abordagem dessa natureza pode significar que leve tempo a entrada em vigor de protocolos, o tratado já expressaria a clara vontade da comunidade internacional de que armas nucleares não terão mais lugar no nosso mundo. Tal declaração, a meu ver, abriria o caminho para acabar, de uma vez por todas, com a era dessas armas malditas. Neste contexto, gostaria de sugerir que a fórmula adotada no caso do Tratado para a Proibição Completa dos Testes Nucleares (CTBT), que só entrará em vigor quando uma série de condições rigorosas for integralmente cumprida, sirva de modelo para os protocolos de um tratado de proibição nuclear. Seria de grande significação, a finalidade de um tratado não é sancionar ou punir o uso de armas nucleares, mas sim convencer da sua proibição e universalizar as normas. Além dos 125 países que assinaram a declaração conjunta, acredito que haja uma série de governos que compartilham da mesma preocupação. Contudo, a sua política de segurança dificulta a aceitação da proibição. Para estes países, a inclusão num regime básico de garantias institucionais, como venho sugerindo, serviria para aliviar essas precauções e reduzir os empecilhos para que mais países assinem e ratifiquem um tratado de proibição nuclear. É importante lembrar que, mesmo indispensável, um acordo de não utilização é apenas a base do objetivo final — a proibição e a abolição dessas armas malignas. (IKEDA, 2014, p. 44-45)

O autor da proposta ressalta que a SGI em todos os anos, desde sua fundação em 1978, tem promovido um movimento global para manifestar a vontade dos povos, através de seus membros, de proibir a utilização das armas nucleares por meio de uma convenção internacional.

⁵⁶ A conferência de revisão do Tratado de Não-Proliferação Nuclear (TNP), realizada na sede da ONU em Nova Iorque, durante o mês de maio de 2015, foi concluída sem um acordo final devido às profundas diferenças sobre a possível criação de uma zona livre de armas atômicas no Oriente Médio. Informação disponível em: <<http://www.unmultimedia.org/radio/portuguese/2015/06/>>

Se pensarmos nisto como um trabalho de criação de valores graças ao esforço de pessoas do século 21, saberemos que o papel principal deve ser vivido pelos jovens do mundo. Quando os moços, que carregam as esperanças e os fardos da era vindoura, se unirem com a determinação de que a humanidade e as armas nucleares não podem coexistir e que ninguém nunca mais padecerá os seus horrores, então não haverá obstáculo que não possa ser vencido. Os membros da SGI estão determinados a seguir fazendo a sua parte trabalhando para eliminar as armas nucleares e outras causas de sofrimento humano da face da Terra e a se empenhar para criar valores, trabalhando com os jovens do mundo e todos aqueles comprometidos com a esperança de um futuro de paz. (IKEDA, 2014, p. 45)

O papel de liderança desempenhado pela sociedade civil no desenvolvimento de um projeto de convenção internacional para abolir as armas nucleares pode vir a demonstrar a maturidade espiritual das pessoas para a promoção da paz e coexistência pacífica.

Ikeda propõe o início de negociações concretas para que se elabore um tratado base, que estabeleça um arcabouço jurídico internacional de um mundo sem armas nucleares, e que os Estados futuramente signatários se comprometam claramente com a meta de um mundo livre de armas e empreender um processo de redução da ameaça mútua, e propõe também que ONG's e governos interessados devem atuar e estabelecer um grupo supranacional de ação para impulsionar este empreendimento em prol da paz.

3.6. Proposta de Paz do ano de 2015: *Compromisso de todos com um mundo mais humano: acabar com a miséria da Terra*

Erradicar a pobreza do mundo e banir a ameaça das armas nucleares são dois pontos chaves da Proposta de Paz Anual elaborada em 2015 por Daisaku Ikeda, a proposta foi originalmente intitulada de *“A shared pledge for a more humane future: to eliminate misery from the Earth”* (em tradução final: *Compromisso de todos com um mundo mais humano: acabar com a miséria da Terra*).

Diante da missão da ONU, concentro-me em três propostas concretas, certo da urgente necessidade de ação comum para eliminar a palavra miséria do léxico humano: 1. A proteção dos direitos humanos dos desabrigados e

migrantes internacionais; 2. A proibição e eliminação das armas nucleares; e 3. A conquista de uma sociedade global sustentável.⁵⁷

Daisaku Ikeda, em um claro clamor à eliminação da pobreza, enfatiza a necessidade de engajamento dos cidadãos do mundo em prol de ações efetivas que coloquem fim a pobreza e miséria, em todas as suas formas e em todo o planeta.

O autor inicia sua proposta de paz de 2015 saudando a ambiciosa escala dos objetivos do desenvolvimento sustentável apresentado pelas Nações Unidas.

Ikeda destaca que para se estabelecer as bases para a eliminação do sofrimento humano causado pela pobreza e conflitos, há uma necessidade de reumanização da política e da economia, focado na solidariedade dos cidadãos comuns para um fortalecimento que permita que as vítimas das mazelas da fome e da miséria superem seus sofrimentos. Ikeda afirma que a ampliação do diálogo e da amizade em relação ao bem estar do próximo seriam as bases para a promoção da paz.

No recente agosto [2014], o Instituto Toda para a Paz Global e Pesquisa Política, que fundei para honrar o legado do meu mestre, realizou em Istambul uma conferência de pesquisadores seniores. Estudou áreas de preocupação mundial: a guerra civil na Síria, o conflito entre Israel e Palestina, a situação do Iraque e da Ucrânia e as crescentes tensões na Ásia Oriental. Enfatizou novas tendências positivas e trocas de opiniões sobre a melhor forma de levá-las à prática. Além dessas questões críticas, como o fortalecimento da ONU, de outras agências internacionais e o desenvolvimento e poderes de solidariedade, imaginação e criatividade entre os membros da geração mais jovem, ressaltou a reumanização da atividade dos políticos, essencial para a redução do sofrimento dos indivíduos. (IKEDA, 2015, p. 8)

Na proposta de paz do ano de 2015, Ikeda também entra no cerne dos direitos das pessoas exiladas e as que vivem fora de seu país, expulsos por conflitos ou deslocados ambientais.

O fundamento da dignidade da pessoa humana é a existência de um mundo no qual podemos vivenciar e expressar a nossa identidade; ser excluído deste mundo e de todos os direitos humanos garantidos por ele é a fonte do sofrimento de pessoas desalojadas. (IKEDA, 2015, p. 26)

⁵⁷ Proposta de Paz do ano de 2015: *Compromisso de todos com um mundo mais humano: acabar com a miséria da Terra.* Disponível em: <http://www.culturadepaz.org.br/media/propostas/proposta_paz2015.pdf>

Ele ressalta a importância da defesa dos direitos humanos destas pessoas, e sugere a inclusão da proteção da dignidade dessas vítimas com uma cooperação global ao fortalecimento dos exilados, com uma atenção especial aos exilados e deslocados que estão na região Ásia-Pacífico e no Oriente Médio.

O segundo tema prioritário que desejo expor é o que chamo de “a reação em cadeia do empoderamento”, pela qual as pessoas desenvolvem a capacidade de transcender o sofrimento. As catástrofes e desastres climáticos extremos das últimas décadas causaram danos e crises humanitárias em todo o mundo. Entre eles o terremoto de Kobe (1995), o terremoto e tsunami no Oceano Índico (2004), o terremoto no Haiti (2010), o terremoto e tsunami do leste do Japão (2011) e o tufão Haiyan, que atingiu as Filipinas em 2013. De acordo com as estatísticas da ONU, 22 milhões de pessoas ficaram desabrigadas em consequência das catástrofes naturais em 2013, cerca de três vezes mais que o das pessoas expulsas de suas moradias por conflitos armados. Devido a essa experiência, posso imaginar a tristeza e o desespero dos que perderam seus entes queridos ou foram forçados a deixar suas casas. É a dor de perder o mundo em que se vive. O verdadeiro desafio de restauração e recuperação deve ser o de restaurar a esperança e a vontade de viver das vítimas. Para este fim, é essencial o apoio contínuo da sociedade como um todo. (IKEDA, 2015, p. 14-15)

Em relação à abolição das armas nucleares, um tema constante nas propostas de paz de Ikeda, ele comemora o fato de que em outubro de 2014, um total de 155 países e territórios membros da ONU reconheceram a Declaração Conjunta sobre as Consequências Humanitárias das Armas Nucleares, e claramente afirmam que as armas nucleares jamais devem ser usadas, em nenhuma circunstância.

Em outubro passado, quando 155 países e territórios assinaram uma Declaração Conjunta sobre as Consequências Humanas das Armas Nucleares, mais de 80% dos Estados-membros da Organização das Nações Unidas mantiveram o seu apoio para que estas armas malignas nunca sejam usadas em circunstância alguma. As consequências humanas do uso de armas nucleares já foram tema de três grandes conferências internacionais: a Conferência sobre o Impacto Humano das Armas Nucleares, março de 2013, Oslo, Noruega, e as conferências internacionais em Nayarit, México, e, no mês passado, em Viena, Áustria. (IKEDA, 2015, p. 32)

Ikeda também ressalta a importância do comparecimento massivo dos Chefes de Estado à Conferência de revisão do Tratado de Não Proliferação das

Armas Nucleares, a ser realizada no ano de 2015⁵⁸, e que todos expressem os compromissos de seus respectivos governos para erradicar totalmente as armas nucleares.

A maioria dos participantes é partidária de que o único caminho seguro para evitar as consequências devastadoras do uso de armas nucleares é a sua abolição. Por outro lado, entre os países que possuem as armas e seus aliados está profundamente arraigada a ideia de que a dissuasão deve ser mantida e a melhor maneira de conquistar um mundo sem armas nucleares é por meio de um processo gradual. Por maior que seja o abismo entre estas duas posições, atualmente elas se interligam pela preocupação comum sobre o impacto devastador dessas armas malvadas (...). O TNP está construído em torno de três pilares: a não proliferação, o uso pacífico da energia e o desarmamento nuclear. Os dois primeiros objetivos são apoiados pela Organização do Tratado de Proibição Completa dos Testes Nucleares (CTBTO), pela convocação da cúpula de Segurança Nuclear e pela Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA). Em contraste, não há instituição alguma dedicada a um debate contínuo e que assegure o cumprimento das obrigações de desarmamento do TNP (...). (IKEDA, 2015, p. 33)

Nesta proposta, o autor destaca a importância de iniciar uma cúpula trilateral entre China, Coreia do Sul e Japão, para que os líderes destes três países possam marcar o 70º ano do fim da Segunda Guerra com um compromisso formal de jamais irem à guerra de novo, e entre si, visando uma cooperação regional forte para o estabelecimento da paz e coexistência mútua.

Concretamente, apelo para a união da China, Coreia do Sul e Japão na criação de um modelo regional que promova práticas tão positivas que possam ser aplicadas no mundo inteiro, sobretudo as relacionadas com o desenvolvimento do talento humano. Em novembro do ano passado, realizou-se a primeira reunião de cúpula China-Japão em dois anos e meio. Como alguém que faz muito tempo procura e trabalha pela amizade entre os dois países, fiquei profundamente grato ao ver este primeiro passo para o avanço das relações bilaterais depois de prolongada indiferença (...). Os líderes dos três países deveriam marcar o 70º aniversário do fim da Segunda Guerra Mundial com o compromisso de incorporar as lições de que o conflito nunca mais se torne guerra. E deveriam se empenhar na construção de sólida confiança mútua sustentada pela cooperação regional em apoio ao novo desafio dos ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) das Nações Unidas (...). Cada vez mais fortalecidos pela amizade e o diálogo, vamos continuar a trabalhar por um mundo sem armas ou guerras nucleares para eliminar a miséria da face da Terra e para criar uma nova sociedade, em que todas as pessoas possam desfrutar plenamente a benção da dignidade humana. (IKEDA, 2015, p. 40)

⁵⁸ Ver nota 56.

Ikeda finaliza propondo a criação de uma parceria entre os jovens destes três países, através de ONG's com o apoio de cada governo, para que possam cooperar juntos nos esforços de se alcançarem os objetivos do desenvolvimento sustentável e outras iniciativas trilaterais em prol da paz, cultura e educação.

Há oito anos, um programa de intercâmbio de jovens foi iniciado entre China, Coreia e Japão. Espero que este ano seja a ocasião para expansão deste programa. Além de aumentar os intercâmbios culturais ou educativos para os alunos do ensino médio ou universitários, gostaria de ver jovens da China, Coreia e Japão trabalhando juntos para realizar os ODS ou outras iniciativas trilaterais de cooperação (...). Para cada participante, tem valor inestimável a experiência do trabalho solidário nos assustadores desafios das questões ambientais e seus desastres. Imprime em sua jovem vida a confiança de que está criando o seu próprio futuro. Além disto, os tesouros dessa vida sem dúvida serão a base da amizade e confiança que se estenderá pelo futuro. (IKEDA, 2015, p. 43)

A erradicação da pobreza foi novamente um tema relevante na Proposta de Paz de 2015 como visto acima. Outra preocupação trazida por Ikeda foi com a situação de miserabilidade que os exilados e os deslocados ambientais estão encontrando durante suas jornadas. O autor novamente ressalta a importância da educação dos jovens para que estes desenvolvam o espírito de defesa da dignidade da vida humana e da defesa dos direitos humanos. Mais uma vez Ikeda retoma o tema da abolição das armas nucleares, e com base na Conferência da ONU de Revisão do Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares ele propõe que China, Coreia do Sul e Japão assumam um compromisso formal de não irem a qualquer guerra novamente, visando a resolução pacífica dos conflitos na Ásia.

3.7. As propostas de Paz de Daisaku Ikeda como fonte de análise para o desenvolvimento de uma cultura pacífica e humanista no campo das Relações Internacionais

Conforme apresentado acima, nas propostas de paz elaboradas por Daisaku Ikeda, e no diálogo entre Galtung e Ikeda, "*Choose Peace*", os pensadores concordam em diversos aspectos sobre o desenvolvimento de uma cultura para paz, desde a educação de jovens até a postura dos novos líderes mundiais.

As ideias de Ikeda são muito semelhantes ao conceito de paz positiva desenvolvido por Galtung. Para Ikeda o fim das violências contra a humanidade é comparável ao fim da violência estrutural conceituado por Galtung. Tanto é que para

o pensador nipônico a defesa dos direitos humanos, a noção de dignidade da vida humana, o desenvolvimento da sustentabilidade, e o fim das armas nucleares passam pela educação de jovens para que se desenvolva uma humanidade baseada na coexistência pacífica, o que se assemelha com o pensador norueguês, quando este último desenvolve e expõe a trilogia das violências e que somente com o fim desta é que se alcança a paz positiva.

Estes autores refletem, ainda, sobre o desenvolvimento econômico e social, que não deve sobressair as necessidades humanas, e mais, ambos concordam que um senso de justiça deve ser criado em cada indivíduo. Ikeda e Galtung também concordam que a natureza humana é boa, e desta surge o sentimento de humanismo, que o instinto de humanidade, o empoderamento e empatia são inerentes às pessoas, porém no decorrer da existência humana, diante de tantas violências, guerras e animosidades, esta natureza boa de coexistência pacífica foi sendo esquecida.

O filósofo-pacifista nipônico merece uma maior atenção nos estudos das Relações Internacionais como um todo, expandindo para além do mundo ocidental eurocêntrico e estadunidense.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Johan Galtung, em suas análises, expõe a dicotomia entre paz e guerra/violência fundamenta no pressuposto de que a violência, tal como a paz, é uma escolha, e para os estudos para a paz, a violência, é o problema. Para ele, a paz deve ser uma somatória de fatores, um conjunto de valores, uma paz direta, ou seja, a pacificação total e a resolução de conflitos por meios não violentos, somados a uma paz estrutural, ao qual o Estado e instituições garantem o bem-estar social, a democracia, o desenvolvimento, e a paz cultural, na qual a pluralidade dos povos seria respeitada, assim como os direitos humanos fundamentais.

Ikeda e Galtung, cada um a sua forma, o primeiro através de suas Propostas de Paz, e o segundo, através de seus Estudos para a Paz, concordam que a paz é o caminho para o futuro da humanidade, e que em vez dos líderes mundiais olharem a paz com um ideal distante, todos devem atuar de modo que cada passo leve em direção à paz.

Tanto Ikeda quanto Galtung afirmam e concordam que o papel dos líderes mundiais é importante, e que no mundo globalizado os fatores de paz e coexistência são determinados pelo comportamento destes líderes, e ainda, concordam que é um erro tomar o poder pela força e exercer uma autoridade ditatorial (violência direta), ou que um povo imponha seu modelo de Estado e cultura sobre outros (violência cultural).

Assim, a paz positiva não pode ser conquistada através dos sofrimentos de outros povos e/ou culturas, a paz não pode ser levada à força, ela deve surgir como algo natural e consciente, livre das violências direta, estrutural e cultural, a paz deve ser um princípio universal, Ikeda e Galtung, se preocupam com a economia globalizada e com o atual sistema financeiro internacional, acumulativo e voraz, tendo em vista que um povo não pode enriquecer em detrimento de outros povos (violência estrutural).

Ikeda e Galtung coadunam que é necessário o surgimento de líderes que trabalhem pela paz, desde a educação escolar, para que estas pessoas se tornem futuros líderes com empatia, e que sejam capazes de compreender e sentir o sofrimento dos outros como se fossem seus. Concordam também que as pessoas devem se levantar decididamente para enfrentar as dificuldades, cobrando de seus líderes posicionamentos mais empáticos e humanistas (a promoção e defesa dos direitos humanos), e que desta confiança no potencial dos seres humanos (o empoderamento) surjam pessoas corajosas que buscam o caminho da humanidade, da paz e da coexistência mútua (a paz positiva).

A paz positiva de Galtung e as propostas de paz de Ikeda a todo o momento se encontram e compartilham seus conceitos e fundamentos, pois a luta pela paz, a defesa dos direitos humanos e o desenvolvimento de uma cultura para a paz pela humanidade deve ser um compromisso a ser transmitido de uma geração para a outra, como algo natural e contínuo.

Em relação às propostas de paz elaboradas por Daisaku Ikeda é perceptível a crença na capacidade humana de enfrentar e superar até mesmo desafios aparentemente intransponíveis. Sua visão sobre a humanidade é sempre de esperança, pois para ele o potencial humano é infinito, enfatizando a capacidade das pessoas de criarem valores humanos e saudáveis e que geram valores positivos e de compartilhamento com o mundo e com o futuro.

Por outro lado, em suas análises é constante preocupação de Ikeda com a efetiva abolição total das armas nucleares e de destruição em massa e com os aumentos das desigualdades socioeconômicas, que se aprofundam cada vez mais as diferenças entre povos e nações. Em um claro clamor para a eliminação da pobreza, Ikeda enfatiza a necessidade de engajamento dos cidadãos do mundo e de seus líderes em prol de ações efetivas que coloquem fim a pobreza e miséria, em todas as suas formas e em todo o planeta.

Mais uma vez Ikeda e Galtung se aproximam em suas análises e conceitos, em suma, o que o primeiro defende é o fim das violências (direta, estrutural e cultural) para que se alcance o que o segundo definiu como paz positiva.

Trazer as ideias de Ikeda para o campo de estudos para a paz nas Relações Internacionais se torna relevante tendo em vista o olhar humanista deste filósofo, já conhecido e estudado nos principais países asiáticos, e que ainda carece de maior atenção por parte dos analistas de Relações Internacionais, do lado ocidental do mundo.

Por fim, em relação ao aspecto educacional para o desenvolvimento de uma cultura para a paz e na defesa dos direitos humanos, Ikeda, assim como Galtung, a maior prioridade de um Estado deve ser o bem estar e a segurança social de seu povo, assim como Galtung defende em sua paz positiva, e devido a natureza múltipla da identidade humana sempre existirá a possibilidade de encontrar nas relações interpessoais os pontos de convergência e de interesses mútuos entre os povos que visam a coexistência pacífica.

REFERÊNCIAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 14724: Informação e documentação. Trabalhos Acadêmicos – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

BSGI - Associação Brasil SGI (ed.). *Por uma sociedade de Paz*. São Paulo, Brasil Seikyo, 1999.

CONCHA, Percy Calderón. *Teoría de conflictos de Johan Galtung*. Revista Paz y Conflictos, nº 2, 2009, p. 60 a 81.

CRAVO, TERESA; e PUREZA. *Margem Crítica e legitimação nos estudos para a paz*. in Revista de Ciências Sociais, nº 71, 2005.

FORRERO, Eduardo Andras Sandoval. *Estudios para la Paz, la Interculturalidad y la Democracia*. in: Ra-Ximbai, volumen 8, número 2, janeiro/abril 2002.

FREIRE, Maria Raquel; e LOPES, Paula Duarte. *Reconceitualizar a paz e a violência: uma análise crítica*. In Revista Critica de Ciências Sociais, nº 80, 2008.

GALTUNG, Johan. *Transcender e transformar – uma introdução ao trabalho de conflitos*. São Paulo: Palas Athena, 2006.

GUZMAN, Vicent Martinez. *Filosofia e investigação para a paz*. In Revista crítica de Ciencias Sociais, nº 71, junho de 2005.

HERZ, Monica; HOFFMANN, Andreia. *Organizações Internacionais: história e práticas*. Rio de Janeiro: Ed. Campus Elsevier, 2004, p. 17 a 40.

IKEDA, Daisaku. *Revolução Humana*. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 1974, volume 2.

_____. *Compromisso de todos com um mundo mais humano: acabar com a miséria da Terra*. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2015.

_____. *Criação de valores humanos: a construção de um mundo solidário, capaz de se recuperar de tantas aflições*. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2014.

_____. *Compaixão, sabedoria e coragem – para a humanidade viver em paz*. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2013.

_____. *Segurança humana e sustentabilidade: compartilhar o respeito pela dignidade da vida*, São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2012.

_____. *Por um mundo digno de todos: triunfo da vida criadora*, São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2011.

_____. *Novos valores para uma nova era*. São Paulo: Editora Brasil Seikyo, 2010.

IKEDA, Daisaku; GALTUNG, Johan. *Choose Peace: A Dialogue Between Johan Galtung and Daisaku Ikeda*. Tokyo: Pluto Press, 1995.

KANT, Immanuel. *À paz perpétua*. Porto Alegre: L&PM, 2008.

MARTIS, Dora. *As Relações Sino-nipônicas durante o séc. XX*. Disponível em: <<http://www.observatoriodachina.org/images/papers/e.pdf>>

NASCIMENTO, Daniela. *As estratégias de respostas a conflitos violentos e de (re)construção da paz: Uma análise crítica*. In Revista Critica de Ciencias Sociais, nº 105, dezembro 2014.

OLIVEIRA, Ariana Bazzano de. *O percurso do conceito de paz: de Kant à atualidade*. In: I Simpósio em Relações Internacionais do Programa de Pós Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP e PUC-SP). 12 a 14 de novembro de 2007. Disponível em: <<http://www.santiagodantassp.locaweb.com.br/br/simp/artigos/bazzano.pdf>>

PEREIRA, Ronan Alves. *O budismo leigo da Soka Gakkai no Brasil: da revolução humana à utopia mundial*. Campinas, SP. IFCH-UNICAMP, 2001.

Revista SGI Quartely – edição em português. Encarte especial. Janeiro de 2013. Número 71

Revista Terceira Civilização, Editora Brasil Seikyo, nº 377.

Revista SGI Quartely – edição em português. Encarte especial. Janeiro de 2013. Número 71.

ROCHA, Antonio Jorge Ramalho. *Relações Internacionais: Teorias e Agendas*. Coleção Relações Internacionais. Instituto Brasileiro de Relações Internacionais. Rio de Janeiro. 2002.

SANTOS, Julio Cesar dos. *A evolução da ideia de governança global e sua consolidação no Século XX*. Brasília, DF. IREL-UNB, 2006.

SAMPAIO, Henriqueta Souza. *A política externa brasileira no processo de paz em Angola: da Reconstrução da Paz à construção da Paz Positiva*. In 5º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Relações Internacionais. Belo Horizonte, 29 a 31 de julho de 2015.

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Jorge Vieira da. *A verdadeira paz; desafio do Estado democrático*. In: São Paulo em perspectiva, nº 16(2), 2002, p. 36 a 46.

SOKA - Revista de estudos sobre criação de valor. Editora Brasil Seikyo. Periodicidade anual. Ano 1. Número 1, 2010.